



# ARAUTOS DO EVANGELHO

Número 197  
Outubro 2019

Diretor: Manuel de Abreu / Periodicidade mensal / Assinatura: 24€



*Mãe e Rainha do Brasil*

*Flashes*  
de Fátima



# Combaterei por vosso amor

**S**enhor Deus dos exércitos, que nos dissestes no Evangelho: “Não vim trazer a paz, mas a espada”, armai-me para a luta. Desejo ardentemente combater por vossa glória, mas Vos suplico: fortalecei minha coragem... Então poderei exclamar com o Santo Rei Davi: “Só Vós, Senhor, sois meu escudo; sois Vós que adestrais minhas mãos para a guerra...”

Ó meu Bem-Amado! Sei para quais combates me destinais; não é nos campos de batalha que lutarei...

Sou prisioneira de vosso amor, fechei livremente a corrente que me prende a Vós e me separa para sempre do mundo que amaldiçoastes. Minha espada não é outra senão o amor, com ela expulsarei do reino o estrangeiro e Vos farei proclamar Rei nas almas que recusam submeter-se a vosso divino poder.

Sem dúvida, Senhor, não vos é necessário um instrumento tão débil quanto eu, mas Joana, vossa virginal e valorosa esposa, disse: “É preciso batalhar para que Deus dê a vitória”.

Combaterei, pois, por vosso amor até o ocaso de minha vida, ó meu Jesus. E como não quisestes desfrutar de repouso nesta terra, quero seguir vosso exemplo, esperando que se realize em mim esta promessa que brotou de vossos divinos lábios: “Se alguém Me segue, em qualquer lugar onde Eu estiver estará ele também, e meu Pai o honrará” (cf. Jo 12, 26).

Estar convosco, ser um convosco, eis meu único desejo. A certeza que me dais de sua realização



Santa Teresinha do Menino Jesus representando Santa Joana d'Arc no Carmelo de Lisieux

Reprodução

*faz-me suportar o exílio desta terra, aguardando o radioso dia do eterno face a face!*

*Oração composta por Santa Teresinha do Menino Jesus, inspirada numa imagem de Santa Joana d'Arc*



# Flashes de Fátima

Boletim da Campanha  
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXI nº 197 - Outubro 2019

## Director:

Manuel Silvío de Abreu Almeida

## Conselho de redacção:

Ir. Guy Gabriel de Ridder, EP;  
Ir. Juliane Vasconcelos A. Campos, EP;  
Severiano Antonio de Oliveira

## Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria  
NIPC: 501141812

## Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. de Berna 30, 2º E  
1050-042 Lisboa  
I.C.S./D.R. nº 120.975  
Dep. Legal nº 112719/97  
Periodicidade mensal  
Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

www.arautos.pt / www.arautos.org  
E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em  
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

## Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.  
Rua de D. João IV 691/700  
4000-299 - Porto

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de  
Inspiração Cristã

Tiragem: 30.000 exemplares

# SUMÁRIO

Escrevem os leitores ..... 4

Senhora do universo  
e Mãe do Brasil! (Editorial) ..... 5



A voz dos Papas –  
Uma virtude difícil,  
mas possível...

6



Comentário ao Evangelho –  
A força motriz do convívio  
no Reino de Maria

8



"Nossos filhos estão  
em boas mãos!"

16



Os últimos dias  
de vida de Dr. Plínio –  
"Consummatum est!"

24



São João de Capistrano –  
Leão de combatividade  
a serviço da Igreja

30



A condição para confiar

34



As crianças tinham  
razão!

38



Arautos no mundo

40



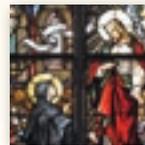
Aconteceu na Igreja e  
no mundo

43



História para crianças...  
À conquista do  
milagre

46



Os Santos de  
cada dia

48



A dama e o unicórnio

50

# ESCREVEM OS LEITORES



## **HOMEM REALMENTE INSPIRADO PELO ESPÍRITO SANTO!**

Fiquei encantada ao ler esta matéria sobre os oitenta anos de Mons. João. Vamos dar graças ao Altíssimo! Obrigada, Senhor, pelos Arautos do Chile e do mundo inteiro!

Também, lendo sobre Mons. João, me fiz a pergunta: como conseguiu fazer tanto em tão pouco tempo? É um homem realmente inspirado pelo Espírito Santo!

Os Arautos são pessoas sérias, que trabalham de verdade e, o mais belo, atendem maravilhosamente. São paz, trabalho e compromisso. Almas puras. São reconhecidos pela Santa Igreja. Grupos definidos, compactos, harmoniosos, dos quais todos nós podemos participar de uma ou outra forma. Vivem a realidade e a apalparam com seu trabalho.

*Vilma Ramírez  
Via Facebook – Chile*

## **SEMPRE TERÃO NOSSA FAMÍLIA REZANDO POR ESTA OBRA**

Nossas impressões sobre a Revista são tantas que nos sentimos incapazes de colocá-las de forma resumida. Aqui em casa a aguardamos ansiosos todos os meses, e quando chega forma-se uma sessão de curiosos em círculo, para ver um pouco de cada página.

Impressionamo-nos muito com a qualidade, o cuidado com os artigos, o carinho com a Igreja, visíveis em cada página, em cada linha e palavra.

De forma especial temos empatia pelos comentários do fundador sobre o Evangelho, que estimulam meditações mensais, e pelas *Histórias para crianças... ou adultos de fé?*, que enriquecem o conhecimento sobre a Fé

cristã de maneira simples e ilustrativa. Também destacamos, nos últimos exemplares, os artigos do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira. Tivemos a graça de conhecer, através da Revista, os belos pensamentos deste grande líder católico.

Tenham a certeza de que nossa família sempre estará rezando por esta obra, pelos redatores da Revista e, o mais importante, rezando pelo fundador!

*Natália Viana Miguel  
Mogi das Cruzes – SP*

## **FELIZ ANIVERSÁRIO, MONS. JOÃO!**

Sou assinante há anos desta revista *Arautos do Evangelho*: um excelente meio para fazer-me conhecer a riqueza de nossa Igreja, para refletir sobre o Evangelho com as claras e coerentes palavras de quem tem aptidão para explicá-lo, e para amar a Mãe de Deus como Ela merece. Hoje, porém, quero cumprimentar Mons. João Scognamiglio Clá Dias por seu aniversário. Deus o abençoe por contribuir para a edificação da Igreja de Deus, evangelizando e ensinando a Palavra.

*Roselene Vanzella  
Apucarana – PR*

## **UM CATÓLICO FIEL NUNCA FRACASSA!**

Na edição de julho li uma bela história sobre a expedição à Antártida de um grupo de homens a bordo do barco *Endurance*, comandados pelo capitão Shackleton. Conforme se avança no relato e a mente começa a fazer parte de tudo o que passaram aqueles homens, a primeira coisa que vem ao pensamento é a valentia do grupo, que acudiu ao chamado do anúncio de um jornal.

De uma forma ou de outra, eles sabiam ao que iam se expor, e isto me fez refletir na travessia que todos fazemos nesta vida, sem aviso prévio

do que vamos enfrentar, confiando, como batizados, no rumo pelo qual Nosso Senhor e sua carinhosa Mãe nos querem conduzir.

Quase ao final da história se diz que nenhum dos exploradores se perdeu, que a mão de Deus os sustentou. É uma magnífica imagem do que vivemos nós, os seres humanos com fé. As tormentas podem nos debilitar, mas o sustento de Deus nunca tarda em chegar.

Um católico fiel nunca fracassa! Obrigada à revista *Arautos do Evangelho* por nutrir-nos com estas belas histórias de reflexão.

*Ana Catalina Araya Pereira  
San José – Costa Rica*

## **COM SUA LEITURA APRENDEMOS A SER SANTOS**

A Revista é magnífica e com sua leitura aprendemos a ser santos. É maravilhoso saber as verdades nela contidas e a real doutrina que temos de viver. Vida de Santos, homilias, acontecimentos pelo mundo...

Quer começar a ser santo? Leia a revista *Arautos do Evangelho*.

*Ilda Moraes do Nascimento Gomes da Silva  
São Paulo – SP*

## **UM TESOURO PARA AUXILIAR NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS**

A revista *Arautos do Evangelho* é um meio de apostolado muito completo. Nós, mães, temos um grande tesouro para auxiliar na educação e instrução católica dos filhos. Todos os artigos são muito didáticos e explicativos. As belas imagens enobrecem e enchem as almas.

Em nossa casa, nossos filhos, de três e cinco anos, gostam muitíssimo da seção *História para crianças... ou adultos cheios de fé?*, ficam ansiosos para ouvir os contos e, com frequência, pedem para que sejam relidos.

*Unaiti Dandara Yasmin Dias  
Ponta Grossa – PR*

## SENHORA DO UNIVERSO E MÃE DO BRASIL!

**T**emos inúmeras provas de ser o Brasil uma terra especialmente amada por Deus. Território imenso, solo fértil, riquezas sem conta, variedade no mundo animal, qualidades humanas desconcertantes... nada faltou de recursos naturais a este país-continente. Sobretudo, foi dada ao brasileiro uma fé profunda, regada desde o berço pela oração de numerosos Santos, o esforço de milhares de evangelizadores e o sangue de muitos mártires.

Porém, a predileção divina pela Terra de Santa Cruz mede-se pelos favores marianos aqui concedidos, entre os quais se destaca a misteriosa aurora da Virgem Aparecida. Sendo Ela a padroeira desta nação, sua história não pode deixar de encerrar especiais simbolismos e talvez até conter paralelos com a vida deste povo.

Da origem da imagenzinha nada se sabe. Apenas que, chegada a hora marcada por Deus, foi encontrada milagrosamente, reconstituída, venerada e mais uma vez glorificada. E cabe a pergunta: nisso não haverá também uma analogia com a História da Igreja?

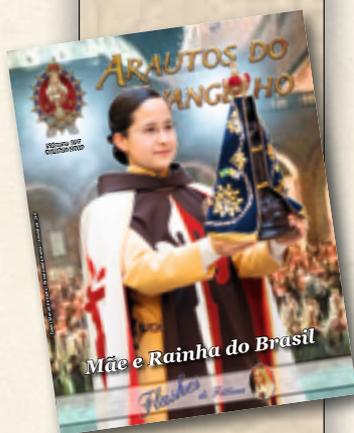
Os incontáveis milagres até hoje operados em benefício dos que a Ela recorrem manifestam sua atuação junto às almas: um escravo rezou diante da imagem e foi libertado de seus grilhões; um homem ímpio pretendia invadir a igreja montado a cavalo, mas este ficou imobilizado nos degraus da entrada... Não serão essas algumas mostras de como Maria atende as orações de seus filhos, liberta-os do mal e os protege de seus perseguidores?

O carinho que o bom brasileiro sempre devotou a Nossa Senhora, unido à benevolência com que Ela tem tratado este povo desde a sua origem, é sinal das grandes maravilhas reservadas para o futuro. Nunca o Brasil foi capaz de tantas realizações quanto nos momentos em que seus filhos se mostraram autenticamente católicos. E àqueles que permanecerem tais, por certo, está reservada a alegria de ver seu país triunfar do mal.

Por outro lado, sendo a maior nação católica do mundo, não se concebe que ela não tenha um papel especialíssimo na implantação do Reino de Maria anunciado por Nossa Senhora em Fátima. E a iniciativa desta predileção veio d'Ela pois, aparecendo no Rio Paraíba, a Senhora do universo e Mãe de Deus quis Se manifestar também como Mãe nossa, Mãe do Brasil, Mãe de cada coração brasileiro.

Isso posto, é curioso notar que as aparições marianas são, normalmente, ocasião para transmitir alguma mensagem celeste. Será Aparecida uma das raras exceções? Haverá uma mensagem perdida, ou ainda não transmitida? Ou o carinho de Maria por nós teria preparado uma nova maravilha, ainda por acontecer? Enfim, o que Nossa Senhora anunciaria, hoje, ao se dirigir ao povo brasileiro?

As ovelhas conhecem a voz de seu pastor, e os brasileiros conhecem o verdadeiro timbre de Maria. Seu carinho por nós não diminuiu, e se manifesta sempre que abrimos nosso coração ao d'Ela. Nossa salvação, nas águas turvas e turbulentas da modernidade agonizante, está sem dúvida em correspondermos a tanto carinho, retribuindo-o com crescente fidelidade, sinal característico do autêntico amor. ✧



*Aspectos da  
X Romaria Nacio-  
nal do Apostolado  
do Oratório  
a Aparecida*

Fotos: Leandro Souza e Maria  
Luiza B. de Albuquerque



## Uma virtude difícil, mas possível...

A sagrada virgindade e a perfeita castidade consagrada ao serviço de Deus contam-se, sem dúvida, entre os mais preciosos tesouros deixados como herança à Igreja pelo seu Fundador. Como fazer, porém, para conservá-las?

**A**doutrina da excelência da virgindade e do celibato, e da superioridade de ambos em relação ao matrimônio, tinha sido declarada, como dissemos, pelo Divino Redentor e pelo Apóstolo das Gentes. [...] Mas, perante recentes ataques a esta doutrina tradicional da Igreja, e por causa do perigo que eles constituem e do mal que produzem entre os fiéis, somos levados pelo dever do nosso cargo a desmascarar nesta encíclica e a reprovar de novo esses erros, tantas vezes propostos sob aparências de verdade. [...]

### *A castidade consagrada exige almas fortes e nobres*

A virgindade é virtude difícil: para a abraçar, não se requer apenas o propósito firme e expresso de renunciar completa e perpetuamente aos prazeres legítimos do matrimônio; é preciso também dominar e acalmar, com vigilância e combate constantes, as revoltas da carne e as paixões do coração, fugir das solitações do mundo e vencer as tentações do demônio. [...] Exige, portanto, almas fortes e nobres, prontas para o combate e para a vitória “por amor do Reino dos Céus” (Mt 19, 12). [...]

Mas, se a castidade consagrada a Deus é virtude difícil, a sua prática fiel e perfeita é possível às almas que, depois de tudo bem ponderado, cor-

respondem generosamente ao convite de Jesus Cristo e fazem quanto podem para a observar. [...] Porque “Deus não manda coisas impossíveis; mas, ao mandar, recomenda que se faça o que se pode, que se peça o que não se pode, e ajuda a poder”.<sup>1</sup> [...]

Os meios recomendados pelo próprio Divino Redentor, para defesa eficaz da nossa virtude, são: vigilância assídua, para fazermos o melhor que pudermos tudo o que estiver na nossa mão; e oração constante, para pedirmos a Deus o que pela nossa fraqueza não podemos conseguir: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. O espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26, 41).

Tal vigilância de todos os instantes e em todas as circunstâncias é absolutamente necessária, “porque a carne tem desejos contrários ao espírito, e o espírito desejos contrários à carne” (Gal 5, 17). Se cedemos, pouco que seja, às seduções do corpo depressa seremos levados até essas “obras da carne” enumeradas pelo Apóstolo (cf. Gal 5, 19-21), que são os vícios mais vergonhosos da humanidade. [...]

### *“Quem ama o perigo nele perecerá”*

Segundo São Jerônimo, para conservar a pureza, a fuga vale mais do

que a luta aberta: “Fujo, para não ser vencido”, dizia de si mesmo. [...] Mas essa fuga e vigilância, para não nos expormos às ocasiões de pecado, parece que não são hoje compreendidas por todos, apesar de os Santos as terem considerado sempre o melhor meio de luta nesta matéria.

Pensam de fato alguns que os cristãos, e especialmente os sacerdotes, já não devem ser uns *separados do mundo* como outrora, mas devem pelo contrário estar *presentes ao mundo* e, por conseguinte, *arrosar o perigo* e pôr à prova a sua castidade, para assim se patentear se têm ou não suficiente força para resistir. Vejam tudo, portanto, os jovens clérigos, para se habituarem a encarar tudo sem perturbação e para se imunizarem assim contra toda espécie de tentações.

Desse modo, facilmente lhes permitem fixar sem resguardo tudo o que lhes cai debaixo dos olhos, frequentar cinemas, mesmo para ver películas proibidas pelos censores eclesíásticos, percorrer toda espécie de ilustrações, mesmo que sejam obscenas, e ler até os romances que estão no *Index* ou que proíbe o direito natural.

Concedem-lhes tudo isso sob pretexto de que hoje grande parte das pessoas alimenta o espírito com esses espetáculos e publicações, e que

é preciso que quem há de ajudá-las compreenda sua maneira de pensar e sentir. É fácil de ver a falsidade e o perigo de tal maneira de formar o clero e de o preparar para a santidade da sua missão: pois “quem ama o perigo nele perecerá” (Eclo 3, 27).

A recomendação de Santo Agostinho não perdeu nada da sua oportunidade: “Não digais que tendes almas puras se tendes olhos impuros, porque os olhos impuros são mensageiros de um coração impuro”.

### ***O pudor adivinha o perigo e obsta a que se afronte***

Esse funesto método baseia-se numa confusão grave. É verdade que Nosso Senhor disse dos Apóstolos: “Enviei-os ao mundo” (Jo 17, 18), mas acabou de dizer: “Eles não são do mundo, como Eu também não sou do mundo” (Jo 17, 16) e tinha rogado ao Pai: “Não Te peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal” (Jo 17, 15).

Segundo esses princípios, a Igreja tomou prudentes medidas para preservar os padres que vivem no meio do mundo, das tentações que os rodeiam. Essas normas têm por fim defender-lhes a santidade de vida das preocupações e prazeres próprios dos leigos.

Com maior razão ainda, é necessário separar os jovens clérigos da agitação do século, para os formar na vida espiritual e na perfeição sacerdotal ou religiosa, antes de os lançar no combate. Por isso, devem eles ficar por longo tempo no seminário ou nas casas de noviciado e formação, e receber educação apurada, aprendendo pouco a pouco e, com prudência, a tomar contato com os problemas do nosso tempo, como nós o prescrevemos na nossa Exortação apostólica *Menti nostræ*.



**Imaculado Coração de Maria  
Gravura de inícios do séc. XX**

*Para conservar a castidade perfeita, existe um meio de valor extraordinário: é a sólida e fervorosa devoção a Nossa Senhora*

Qual é o jardineiro que expõe às intempéries plantas escolhidas, mas ainda tenras, sob o pretexto de as experimentar? Ora, os seminaristas e os religiosos em formação são plantas novas e delicadas, que precisam de proteção e só progressivamente se vão habituando a resistir e a lutar. Bem melhor fariam os educadores da juventude clerical, inculcando-lhe as normas do pudor cristão, que tanto

contribui para manter incólume a virgindade, e bem pode chamar-se a prudência da castidade.

O pudor adivinha o perigo, obsta a que se afronte, e leva a evitar aquelas mesmas ocasiões de que não se acautelam os menos prudentes. Ao pudor não agradam as palavras torpes ou menos honestas, e aborrece-lhe a mais leve imodéstia. Ele afasta-se da familiaridade suspeita com pessoas do outro sexo, porque enche a alma de profundo respeito pelo corpo, membro de Cristo (cf. I Cor 6, 15), e templo do Espírito Santo (cf. I Cor 6, 19).

A alma cristãmente pudica tem horror de qualquer pecado de impureza e retira-se ao primeiro assomo da sedução. [...]

### ***Mãe poderosíssima das almas consagradas***

Mas, para conservar e fomentar a castidade perfeita, existe um meio que a experiência dos séculos mostra repetidamente ter valor extraordinário: é a sólida e fervorosa devoção a Nossa Senhora. Em certo modo, essa devoção encerra em si todos os outros meios: quem a cultiva sincera e profundamente é levado a vigiar e a orar, a aproximar-se do Tribunal da Penitência e da Sagrada Mesa.

Por isso exortamos com afeto paternal os sacerdotes, os religiosos e as religiosas a colocarem-se debaixo da proteção da augusta Mãe de Deus, que, sendo a Virgem das virgens, é, como afirma Santo Ambrósio, “a Mestra da virgindade” e, de modo especial, a Mãe poderosíssima das almas consagradas a Deus. ✧

Excertos de: PIO XII.  
*Sacra virginitas*, 25/3/1954

<sup>1</sup> CONCÍLIO DE TRENTO. *Sessão VI*, c.11.

O fariseu orgulhoso e o publicano pecador - Vitral da Catedral de Saint Colman, Cobh (Irlanda)

## EVANGELHO

Naquele tempo: <sup>9</sup> Jesus contou esta parábola para alguns que confiavam na sua própria justiça e desprezavam os outros: <sup>10</sup> “Dois homens subiram ao Templo para rezar: um era fariseu, o outro cobrador de impostos. <sup>11</sup> O fariseu, de pé, rezava assim em seu íntimo: ‘Ó Deus, eu Te agradeço porque não sou como os outros homens, ladrões, desonestos, adúlteros, nem como este cobrador de impostos. <sup>12</sup> Eu jejuo duas vezes por semana, e dou o dízimo de toda a minha renda.’ <sup>13</sup> O cobrador de impostos, porém, ficou à distância, e nem se atrevia a levantar os olhos para o céu; mas batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim que sou pecador!’ <sup>14</sup> Eu vos digo: este último voltou para casa justificado, o outro não. Pois quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado” (Lc 18, 9-14).



Andreas F. Borchert (CC by-sa 3.0)

# ***A força motriz do convívio no Reino de Maria***

A parábola do fariseu e do publicano apresenta de forma muito viva um dos vícios que mais impediam o progresso espiritual do povo judeu naquela época. Mas como seria a oração de ambos se Jesus compusesse essa parábola hoje?



**Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP**

## **I – A VIRTUDE QUE ABRE CAMINHO A TODAS AS GRAÇAS**

A parábola do fariseu e do publicano, recolhida pelo Evangelho deste 30º Domingo do Tempo Comum, nos apresenta uma extraordinária lição de humildade, delineando com nitidez a figura do orgulhoso e a do pecador que implora a misericórdia de Deus.

Ao meditar sobre ela, nossa atenção costuma se deter na impostação de alma de cada um dos personagens ao entrarem no Templo para rezar. Entretanto, o que define ambos é o modo como de lá saíram. Aquele que se julgava coberto por um manto de glória, dons e boas obras, volta para casa muito pior que antes, enquanto o outro, depois de apresentar-se a Deus envolto num manto de penitência e vergonha, retorna inteiramente perdoado. Cumpre-se assim a sentença apresentada na primeira leitura, tirada do Livro do Eclesiástico: “A prece do humilde atravessa as nuvens” (35, 21).

Mesmo se o cobrador de impostos não fosse réu de nenhum pecado, sua união com Deus

teria aumentado ao terminar a oração, pois a humildade atrai a benevolência do Altíssimo e constitui o canal pelo qual as graças descem à alma. “Deus resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes”, lembra São Pedro em sua primeira epístola (5, 5).

O requisito primordial para a prática dessa virtude consiste em reconhecer ser impossível alcançar qualquer mérito sobrenatural sem o auxílio de Nosso Senhor Jesus Cristo, conforme Ele mesmo ensinou: “Sem Mim, nada podeis fazer” (Jo 15, 5). A afirmação é taxativa: não está dito que “pouco” ou “algo” podemos fazer; a Escritura diz “nada”!

Tudo nos vem d’Ele, tanto os merecimentos quanto as forças para praticar o bem. Nossa vida espiritual deve estar fundada na convicção dessa completa dependência em relação a Deus. Confiar nas próprias qualidades, reais ou imaginárias, nos leva a uma atitude de autossuficiência análoga à do fariseu.

O orgulho obstruiu o conduto pelo qual as graças poderiam ter chegado até ele. Sua oração

*Mesmo se não fosse réu de nenhum pecado, sua união com Deus teria aumentado ao terminar a oração*

*O Templo de  
Jerusalém  
estava  
construído  
num dos  
pontos  
mais altos  
da cidade,  
localização  
ideal para  
um lugar  
de oração*

se reduziu a dar testemunho de si, enumerando supostas virtudes atribuídas a seus esforços pessoais, sem referência alguma à ação de Deus. Satisfeito consigo mesmo, não pediu perdão nem suplicou qualquer ajuda, pois não via nenhum mal ou lacuna a serem sanados pela Providência. Em consequência, nada recebeu; acumulou, pelo contrário, razões para um merecido castigo.

Caracterizados assim um e outro personagem, analisemos mais de perto o modo como cada um deles se relaciona com o Criador.

## **II – UM ELENCO DE VÍCIOS E UMA ORAÇÃO PERFEITA**

O trecho do Evangelho de São Lucas selecionado pela Liturgia deste domingo corresponde ao terceiro ano da vida pública de Nosso Senhor, quando Ele Se encontrava na região da Pereia, a caminho de Jerusalém.

Alguns versículos antes, o Evangelista havia nos mostrado o Divino Mestre respondendo uma pergunta dos fariseus sobre a vinda do Reino de Deus e instruindo os discípulos a respeito dos acontecimentos no fim do mundo.

Seguem a essas passagens a parábola da viúva pertinaz e do magistrado injusto, com a qual Jesus ilustrava a importância de sermos insistentes na oração, e, logo depois, a que agora comentamos.

### ***Alerta para os que confiam em si e desprezam os outros***

A finalidade do Salvador ao propor a parábola é assim expressa no texto sagrado:

*Naquele tempo: <sup>9</sup>Jesus contou esta parábola para alguns que confiavam na sua própria justiça e desprezavam os outros:...*

O discurso de Nosso Senhor visava, portanto, não só recriminar os fariseus, mas também todos quantos possuíam a mesma mentalidade presunçosa, julgando-se fortes para enfrentar qualquer tentação e praticar os Mandamentos.

Tal impostação conduz de maneira inevitável, como vimos, à ruína da vida espiritual, ao desprovê-la do seu mais sólido fundamento. E prejudica também a boa harmonia no relacionamento social, maculando o convívio com a prepotência e o desprezo pelos demais.

### ***Ambiente e disposições que preparam para a oração***

<sup>10a</sup> *“Dois homens subiram ao Templo para rezar:...”*

O cenário no qual Jesus situa a parábola é o Templo de Jerusalém. Ele estava construído num dos pontos mais altos da cidade, localização ideal para um lugar de oração, própria



Maquete do segundo Templo de Jerusalém – Museu de Israel, Jerusalém



Oração do publicano e do fariseu,  
por Gustave Doré

a transmitir a sensação de proximidade com Deus. Para rezar no Templo, era necessário *subir* até ele.

Entretanto, há também um sentido simbólico nessas palavras do Evangelho. Deus sempre quer comunicar-Se conosco; n'Ele nós vivemos, nos movemos e existimos (cf. At 17, 28). Porém, para ouvirmos a sua voz, precisamos *subir*, isto é, deixar de lado as preocupações terrenas e elevar a mente ao Céu.

<sup>10b</sup> “...um era fariseu, o outro cobrador de impostos”.

Embora ambos os personagens tenham ido àquele ambiente sagrado “para rezar”, bem distintas eram suas intenções. Podemos imaginar que, ao longo do caminho, o publicano se sentia falido, com a consciência pesada pela lembrança de suas faltas, mas o coração voando de esperança no auxílio divino.

O outro, apesar de praticar a verdadeira Religião, não foi ao Templo para reverenciar o Senhor, mas para se exhibir e satisfazer o egoísmo. Certamente, enquanto para lá se dirigia, ocupa-

va-se em contemplar suas supostas maravilhas, tomando os atos de piedade que em breve realizaria como mero pretexto para atrair as atenções sobre sua pessoa e adorar-se a si mesmo.

### ***Virtudes que não possuía nem desejava adquirir***

<sup>11a</sup> “O fariseu, de pé, rezava assim em seu íntimo: ‘Ó Deus, eu Te agradeço...’”

Pareceria desnecessário ressaltar que o fariseu estava “de pé”, pois era habitual os judeus rezarem assim. Mas Nosso Senhor acrescenta esse detalhe à narração como sinal exterior da soberba daquele homem, que falava com Deus julgando-se igual a Ele. A vaidade o tornava incapaz de tomar uma posição de inferioridade, como ajoelhar-se, prosternar-se ou sequer abaixar a cabeça.

Suas primeiras palavras levam a pensar que ele ao menos agradecerá a Deus os favores obtidos, praticando o segundo dos quatro atos de culto que compõem a boa oração: adoração, ação de graças, arrependimento e petição. Ele, porém, limita-se a apresentar um louvor de suas próprias grandezas, sem fazer menção alguma à generosidade divina. Assim agem todos os orgulhosos: não sabem agradecer, porque sempre se julgam mercedores dos benefícios recebidos.

Às vezes, é indispensável a pessoa justificar os seus atos, seja para seu próprio progresso espiritual, seja para proveito do próximo, como faz São Paulo na Segunda Epístola aos Coríntios. Vendo-se obrigado a escrever sobre a grandeza de suas ações apostólicas e sobre a santidade de seu comportamento, o Apóstolo reconhece que nada conseguiu por suas forças e reporta tudo à graça divina: “Nossa capacidade vem de Deus” (II Cor 3, 5).

Não é essa a atitude do fariseu. Hipócrita, ele finge ser um homem religioso, amante da oração, mas fala a respeito de suas obras boas não com o intuito de atrair a atenção dos demais para Deus, e sim de se projetar, ostentando virtudes que na verdade não possui nem deseja adquirir.

### ***Mentalidade avessa ao perdão de Deus***

<sup>11b</sup> “...porque não sou como os outros homens, ladrões, desonestos, adúlteros, nem como este cobrador de impostos”.

***A vaidade do fariseu o tornava incapaz de ajoelhar-se, prosternar-se ou sequer abaixar a cabeça***

*No modo de reagir diante desse impulso se manifestará a virtude ou o defeito*

De modo sumário, o fariseu divide a humanidade em duas categorias: uma, *sui generis*, constituída por ele mesmo, e a segunda formada pelos “outros homens”. Ele é o único virtuoso; os demais, de acordo com seu juízo temerário, são bandidos, mentirosos, impuros, culpados de toda espécie de pecado.

Ao invés de se entristecer com os defeitos do próximo, rejubila-se ao considerar o quanto os demais são miseráveis, pois isto o faz sentir-se engrandecido nas suas pretensas qualidades. Imita, assim, o demônio, a quem o Apocalipse descreve como “acusador de nossos irmãos” (12, 10). Quão diferente se revela essa reação daquela primeira palavra pronunciada por Nosso Senhor ao ser pregado na Cruz: “Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem” (Lc 23, 34)!

O fariseu, por egoísmo, não deseja o perdão de Deus para os outros; por orgulho, não o quer para si. Considera-se uma criatura perfeita e, quando alguém o surpreende num vício, encontra todo tipo de racionalizações para desculpar-se. Nunca admite estar errado.

O justo, além de rezar por aqueles que andam mal, pede a Deus a graça de não cair nos mesmos equívocos, pois sabe que, sem o auxí-

lio sobrenatural, seria capaz de fazer coisas ainda piores. Julga-se ruim, recrimina-se até de falhas não cometidas e receia possuir faltas ocultas, não apontadas pela consciência, talvez devido a algum relaxamento desta.

### *A comparação, sinal característico do orgulho*

Próprio às almas orgulhosas é também o vício da comparação, manifestado de forma paradigmática na oração do fariseu: “eu Te agradeço porque não sou como os outros”.

Ao entrar em contato com os demais e nos depararmos com suas qualidades, o instinto de sociabilidade leva-nos a admirá-las. Mas essa primeira atitude é imediatamente sucedida por uma interrogação: “Eu conseguiria fazer o mesmo?”

No modo de reagir diante desse impulso se manifestará a virtude ou o defeito. Se a pessoa se detém na pergunta e chega a uma resposta afirmativa, corre grave risco de pecar por orgulho; se negativa, facilmente conceberá um sentimento de inveja. Por isso, o Santo nunca se compara com os outros: seu ponto de referência é Deus. Quando observa as qualidades dos demais visa apenas louvá-los e dar graças ao Altíssimo pelo que possuem de bom.

## COLEÇÃO

# O inédito sobre os Evangelhos

Composta de sete volumes, esta original obra de Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, tem o mérito de pôr a teologia ao alcance de todos, por meio de comentários aos Evangelhos dos domingos e solenidades do ano. Publicada

em quatro línguas – português, italiano, espanhol e inglês – com mais de 250 mil exemplares publicados dos diversos volumes, a coleção tem encontrado calorosa aceitação pela sua notável utilidade exegética e pastoral.

Domingos do Advento, Natal, Quaresma e Páscoa – Solenidades do Senhor no Tempo Comum

Vól. I (Ano A) – 462 págs. – 20€  
Vól. III (Ano B) – 464 págs. – 20€  
Vól. V (Ano C) – 448 págs. – 20€

Domingos do Tempo Comum

Vól. II (Ano A) – 496 págs. – 20€  
Vól. IV (Ano B) – 544 págs. – 20€  
Vól. VI (Ano C) – 496 págs. – 20€

Solenidades e festas – Tríduo Pascal

Vól. VII (Anos A, B e C) – 432 págs. – 20€



**Coleção completa por 115€**

A coleção *O inédito sobre os Evangelhos* é uma publicação da Libreria Editrice Vaticana

Pedidos pela internet ([oratorio@arautos.pt](mailto:oratorio@arautos.pt))  
ou pelo telefone 937 940 809

Volumes em formato brochura (157x230mm) com impressão colorida em papel couché

O fariseu, entretanto, deixa-se arrastar por essa inclinação natural e, logo depois de emitir um juízo temerário contra todos os homens, passa a se exaltar. Nosso Senhor mostra assim, através de uma parábola arquitetada com divina maestria, a correlação entre o orgulho e o vício da comparação.

***Na alma do fariseu, os vícios se entrelaçam***

<sup>12</sup> “Eu jejuo duas vezes por semana, e dou o dízimo de toda a minha renda”.

As obras enumeradas pelo fariseu provavelmente eram reais, mas estavam desprovidas do principal: o amor a Deus. Mesmo se, por uma graça, ele as tivesse realizado com reta intenção, não deveria deter-se em considerá-las como o faz nessa oração.

Na ilusão de ver-se como homem perfeito, ele ignora que só era capaz de agir assim por disposição da Providência. Jejuou porque Deus estabeleceu e abençoou essa prática; se pôde pagar o dízimo, foi por ter recebido os bens necessários para isso.

O fariseu julga, todavia, estar prestando um favor a Deus, e com essas exterioridades visa cobrar do Altíssimo os méritos supostamente obtidos por elas. Ele, que acusa os outros de serem ladrões, torna-se réu de um crime muito pior: apropriar-se do que pertence a Deus.

Por meio dessa curta oração, Nosso Senhor revela o fundo da alma do fariseu, mostrando como os vícios nela se entrelaçam e formam um conjun-



Detalhe do vitral de Nosso Senhor Jesus Cristo com Marta e Maria - Universidade de Nossa Senhora do Lago, San Antonio (EUA)

to coeso: o orgulho o leva a faltar com a verdade, a desprezar e injuriar o próximo e a apropriar-se em benefício próprio do que deveriam ser atos de louvor a Deus.

***Prece feita de arrependimento e despreensão***

<sup>13</sup> “O cobrador de impostos, porém, ficou à distância, e nem se atrevia a levantar os olhos para o céu; mas batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim que sou pecador!’”

A sociedade judaica considerava os publicanos como verdadeiros leprosos de alma, pessoas repulsivas e merecedoras de desprezo. Tratava-se de judeus contratados pelo governo romano para coletar os impostos de Israel, mas, no exercício da profissão, com frequência prati-

cavam extorsões, recolhendo somas excedentes para o seu proveito. Esse cobrador da parábola sabe-se alvo do ódio do povo e sente sua *capitis diminutio*; por isso, se detém para rezar no fundo do Templo.

Para um publicano era difícil, se não impossível, manter-se inteiramente honesto e equilibrado no seu ofício, sem se deixar levar pela ganância. Nada atrai tanto o coração humano quanto o dinheiro, e decerto o pecador da parábola se aproveitou das circunstâncias para satisfazer os próprios interesses financeiros. Devia carregar inúmeros problemas de consciência, não apenas por haver roubado, mas também por

***Nosso Senhor cria um contraste que estigmatiza a postura do fariseu e nos ensina a ter uma confiança sem limites na bondade do Pai***

*Nada atrai  
mais o  
auxílio do  
Altíssimo que  
reconhecer-se  
cheio de  
falhas e  
defeitos,  
como fez o  
publicano na  
sua oração*

faltas em outras matérias, como é forçoso suceder a quem anda mal no uso do vil metal.

Ao pôr nos lábios do publicano essa prece toda feita de arrependimento e despretensão, Nosso Senhor cria um contraste que estigmatiza a postura do fariseu e nos ensina a ter uma confiança sem limites na bondade do Pai, como ressalta o Salmo Responsorial deste domingo: “O pobre clama a Deus e Ele escuta: o Senhor liberta a vida dos seus servos”.

Pobres são todos os que reconhecem nada valer sem o auxílio divino, e se aproximam do Criador compenetrados de sua miséria.

### *Dos humildes é o Reino dos Céus!*

<sup>14</sup> “Eu vos digo: este último voltou para casa justificado, o outro não. Pois quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado”.

Voltar para casa sem ser justificado significa carregar em si a maldição do estado de pecado. Quem resolveu colocar-se no lugar de Deus começa a experimentar já nesta terra as infelicidades do inferno.

A parábola composta por Nosso Senhor ensina que não adianta gastar boa parte de nossa existência frequentando igrejas, recitando intermináveis orações, peregrinando a lugares santos ou oferecendo esmolas e sacrifícios, se esses atos não são acompanhados pela virtude da caridade e pela prática dos Mandamentos. É próprio de espíritos farisaicos louvar a Deus com exterioridades e ofendê-Lo no coração, tornando-se merecedores da condenação eterna.

Nada atrai mais o auxílio do Altíssimo que reconhecer-se cheio de falhas e defeitos, como fez o publicano na sua oração. “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5, 3).

### **III – E SE JESUS PREGASSE EM NOSSOS DIAS?**

A parábola do fariseu e do publicano apresenta de forma muito viva um dos vícios que mais prejudicava o progresso espiritual dos judeus da época: o orgulho farisaico e seus desastrosos efeitos no convívio com o próximo.

Ao personificá-lo no fariseu, Nosso Senhor punha em foco a malícia daqueles que, concebendo a Religião como uma troca de favores

entre Deus e os homens, entendiam a virtude como sinônimo de estar quites nas obrigações concretas para com Ele.

Entretanto, se Jesus estivesse dirigindo aos homens de nosso tempo, o teor da parábola seria o mesmo?

### *A oração admirativa de um fariseu virtuoso*

Grassa em nossos dias um defeito muito sutil, que mina a fundo o relacionamento entre os filhos da luz e diminui imensamente o valor de nossa oração: a incapacidade de admirar as virtudes do outro e de agradecer a Deus por esses dons.

Se Jesus, pregando hoje nas praças e igrejas, quisesse alertar-nos contra essa falha, talvez decidisse mudar o perfil dos personagens da parábola, e o faria visando pôr em realce o quanto o combate ao amor-próprio deve marcar o nosso convívio.

Quizá o Divino Mestre apresentasse o fariseu como um homem virtuoso, que fizesse a seguinte oração:

“Eu Vos agradeço, Senhor, porque destes a outros mais do que a mim. Olhando para o pobre pecador que está lá no fundo, vejo vossa misericórdia e vossos cuidados desdobrando-se sobre ele e operando em sua alma uma restauração tal, que terminará dando-lhe muito mais do que possuía antes de afastar-se da prática dos Mandamentos.

“Contemplo-Vos concedendo-lhe o arrependimento e um sincero desejo de emenda. Vejo o vosso amor muito mais aguçado perante sua miséria que diante da virtude de tantos outros que, também por vossa bondade, preservastes das quedas. Depois de ter se afundado em mil abismos, este pecador tem agora a alegria de experimentar a grandeza de vosso perdão e, junto com ela, a graça de Vos compreender melhor.

“Nele sois ainda mais glorificado. Louvado sejais, Senhor! Eu Vos agradeço poder ver este miserável cumulado de dons superiores aos de outros que sempre procuraram Vos ser fiéis. Desse modo mostrais que ninguém é santo por esforço próprio: tudo depende de vossa infinita misericórdia!

“E agora, Senhor, eu Vos peço: dai-me, se for possível, uma centelha das graças que tão maravilhosamente concedeis a este pecador. Assim eu também participarei de vossa alegria e,

reconhecendo-me um vermezinho e miserável pecador, poderei louvar, como ele, a vossa liberalidade!...”

**“Concedei-me uma fagulha da santidade que lhe destes”**

O publicano, por sua vez, continuaria a reconhecer seus pecados com humildade, mas diria em seu interior:

“Senhor Deus, tende piedade de mim, que sou pecador! Enquanto criatura vossa, Vos reconheço como Senhor, mas não ousou chamar-Vos de Pai. Indigno de me considerar filho, sinto, contudo, que não me rejeitais... Talvez até me tolereis mais alguns instantes na vossa presença.

“Eis que vejo, lá na frente, um homem virtuoso, a quem destes em abundância tudo aquilo que eu desperdicei. Ele sim é santo: um verdadeiro filho vosso! Olhai para ele, Senhor, e não para mim, porque eu não o mereço! Como me alegro por saber que neste mundo onde, infelizmente, tantos seguem o mesmo caminho miserável trilhado por mim, há ao menos um varão que vive segundo a vossa vontade, agradando-Vos em tudo! Observai, Senhor, o quanto ele é honesto, reto e justo! Notai o exemplo que ele dá e o bem que faz aos demais!

“Junto a ele, suponho existirem outros homens assim. São essas pessoas que aplacam vossa justiça e evitam que nos exterminéis, como mereceríamos por nossas culpas. Quem sabe, Senhor, se Vós ainda não cortastes o fio de minha vida em atenção à virtude de quem se encontra lá na frente, de costas para mim. Ele não me conhece e quiçá nem saiba que existo, mas sua virtude bem pode ser o incenso de agradável aroma que Vos leva a dar-me mais uma oportunidade de recorrer a Vós. Então, Senhor, Vos suplico: santificai-o ainda mais, multiplicai suas virtudes e seus dons, manifestai o vosso poder dadivoso para com ele, patenteando assim aos olhos de todos o quanto Vos alegrais em premiar a virtude.

“Por outro lado, Senhor, ousou pedir-Vos: pelos méritos da virtude dele, não me trateis segundo as minhas misérias, mas concedei-me uma fagulha da santidade que lhe destes. Vós sois a fonte de todo bem. Permanecendo junto a Vós, poderei sempre admirar a luz posta nas almas que, como a dele, Vos são verdadeiramente fiéis!...”



Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria Casa Lumen Maris, Ubatuba (SP)

**Quem admira, recebe o fruto de sua admiração**

O fariseu e o pecador bem poderiam ter rezado assim numa versão *aggiornata* da parábola. E se Nosso Senhor quisesse finalizar a imaginária versão do relato bíblico com uma conclusão adaptada às atuais circunstâncias, talvez mudasse o último versículo por palavras como estas: “Em verdade, em verdade, Eu vos digo: ambos voltaram para casa não apenas justificados, mas ainda cumulados, cada um, dos dons sobrenaturais destinados ao outro. Porque quem admira recebe o fruto de sua admiração, e quem pede graças em benefício do seu irmão recebe em si o dobro do que desejou para ele”.

Quanto lucraríamos se considerássemos os demais de acordo com o ensinamento dessa “parábola”? Se, na sociedade do Reino de Maria, a admiração entre os filhos da luz será a força motriz do convívio, por que não nos adiantarmos a essa felicíssima era, predita por Nossa Senhora em Fátima, praticando desde já tal forma de combate ao amor-próprio? ✦

*Por que não nos adiantarmos a essa felicíssima era, predita por Nossa Senhora em Fátima, praticando desde já tal forma de combate ao amor-próprio?*

# “Nossos filhos estão em boas mãos!”



A atuação das irmãs Arautos do Evangelho em favor da formação de nossa juventude, tão necessitada, tem recebido o reconhecimento de incontáveis pais que manifestaram sua gratidão em comoventes depoimentos.



**Ir. Flávia Cristina de Oliveira, EP**

**P**reocupadas em levar algum conforto, esperança e alegria aos mais necessitados, as irmãs Arautos do Evangelho dedicam-se o quanto podem a visitar creches, hospitais, clínicas e abrigos e se sentem inteiramente recompensadas pelos seus esforços ao testemunhar como o amor de Deus e de sua Mãe Santíssima se derrama nessas ocasiões sobre os corações carregados de sofrimentos.

Mas há outro aspecto do trabalho das irmãs em favor do próximo, não menos importante para a construção de uma nova sociedade à imagem e semelhança do Reino dos Céus: a formação religiosa e cultural da juventude.

Abundantes têm sido as manifestações de gratidão de pais e familiares por esse trabalho, realizado especialmente através do Projeto Futuro e Vida. Constatam eles o crescimento de suas filhas enquanto pessoas, com a formação recebida de acordo com os valores cristãos. Muitas se tornam aptas a um promissor futuro

em qualquer ramo profissional, vincado e enraizado na Fé Católica.

Eis alguns dos testemunhos recolhidos em apenas duas cidades do nosso imenso país: Brasília (DF) e Nova Friburgo (RJ).

## *“Nossos filhos hoje estão em boas mãos”*

Após conhecer os Arautos do Evangelho através do Projeto Futuro e Vida realizado no colégio de seus filhos, Maria Colombo Paes, de Brasília (DF), afirma ter notado em sua família uma grande transformação: “Desde este abençoado dia, a vida de nossa família mudou para muito melhor. É difícil encontrar palavras que expressem nossa alegria e a tranquilidade de saber que nossos filhos hoje estão em boas mãos”.

E, admirada pelo grande desenvolvimento de sua filha ao participar das atividades promovidas pelas irmãs, declara: “Nossa filha antes era muito tímida, a ponto de quase não falar. Essa timidez nos

vinha trazendo muita preocupação, pois estava prejudicando-a. Depois de um ano e meio de convívio com os Arautos foi ficando mais desinibida, mais sociável, a ponto de representar em peças teatrais com falas extensas, às vezes em papéis principais que exigem mais dela. No entanto, minha alegria maior foi quando a vi cantando o salmo na Missa”.

Do mesmo modo, Da. Maria Paes notou grande mudança em seu filho, que também começara a frequentar o Projeto Futuro e Vida do setor masculino em Brasília: “Com nosso filho não podia ser diferente. Ele se entusiasmou com os Arautos do Evangelho desde o primeiro dia, e nesses dois anos e meio de convívio, de igual forma apresenta um excelente desenvolvimento. Ele adora acolitar as Missas, aprendeu a cantar e a tocar clarinete e bombardino, a fazer teatro e a se relacionar melhor com as pessoas”.

Porém, não só para os filhos, mas para toda a família de Maria Paes,



Fotos: Paloma Admiral Iadorka

Algumas das famílias cujos testemunhos reproduzimos neste artigo: Ana Lúcia Businger Senna e família; Maria Carolina Araújo Ouverney Spitz e família; Casal Luciano e Fabrícia Guzzo com os filhos; Prof. Reinaldo Kiss Ivanicska Junior e família

o trabalho dos Arautos serviu de instrumento para abundantes graças. “A vida familiar também mudou muito”, afirma. “Os Arautos nos mostraram quão importante é o Sacramento do Matrimônio. Não temos palavras para expressar nossa gratidão a esta instituição que procura com todo empenho e zelo nos mostrar a Igreja linda que Nosso Senhor nos deu”.

***“Não há dinheiro que pague por este trabalho”***

Também Rute Souza Lima escreveu-nos a fim de externar seu agradecimento pelo projeto realizado pelas irmãs Arautos de Brasília com as jovens e suas famílias: “Os Arautos do Evangelho despertam o que está adormecido dentro de cada um de nós, que é a devoção a Nossa Senhora e a Nosso Senhor Jesus Cristo. Não há dinheiro que pague por este trabalho voluntário e tão necessário para nossa sociedade. Minha filha não estaria recebendo melhor educação e formação espiritual. Agradeço por tudo que as senhoras têm feito por ela e por nossa família, todo carinho e atenção, e admiro a disposição que têm para com a minha pessoa, bem como os cursos bíblicos, em uma linguagem clara, onde percebo a pureza da verdade do que realmente Nossa Senhora e seu Filho, Nosso

*“Não há dinheiro que pague por este trabalho voluntário; minha filha não estaria recebendo melhor educação e formação espiritual”*

Senhor Jesus Cristo, nos pedem. A cada uma das senhoras, meu eterno agradecimento”.

***“Um verdadeiro laço de amor entre todos”***

Encantada com a dedicação das irmãs e os ensinamentos transmitidos aos jovens e familiares que frequentam as casas dos Arautos em Brasília, Ana Luísa Freire afirma: “Sentimo-nos extremamente acolhidos pelas irmãs sempre tão atenciosas, pelos padres extremamente preparados e muito acessíveis e pelas meninas e meninos que demonstram uma alegria e empenho em tudo que realizam! Parece existir um verdadeiro laço de amor entre todos, algo que a minha fé enxerga como presença de Deus, como semente primeira no coração destas

crianças! Minhas filhas já são moças formadas, mas se fossem menores, não teria dúvida em deixá-las sob a educação e orientação dos Arautos do Evangelho, tamanha a confiança que sinto nesta ordem!”

Declara também ter passado por um grande enriquecimento social e espiritual no contato com o carisma da instituição: “O carisma da ordem nos encantou! Pureza, beleza, simplicidade e riqueza de espírito, tudo nos transporta a Jesus Cristo, com o cuidado exemplar e perfeição que acreditamos que vem do próprio Nosso Senhor! Os Arautos do Evangelho me transformaram em uma pessoa melhor, minha fé foi aprimorada e me sinto fazendo parte de uma linda e grande família!”

***“Mons. João sempre foi um modelo para mim”***

Agnaldo Ferreira do Santos, ex-membro dos Arautos e hoje empresário em Brasília, leva consigo muitas recordações do tempo que passou dentro da instituição, apesar de não ter seguido a via religiosa. É o que revela em seu testemunho: “Não tenho irmãs ou parentes que pertencem a essa ordem religiosa, mas posso dizer que o meu coração pertence a ela. Ela foi para mim e toda minha família um canal de graças que



**Brasília** – Desejosas de fazer bem às almas, as irmãs de Brasília percorrem os mais diversos locais levando a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima. Em Valparaíso de Goiás (GO) participaram das Missas na Paróquia São Maximiliano Kolbe e percorreram lojas e residências (fotos 1 e 2). Visitaram também os doentes do Hospital Infantil (fotos 3 a 5). E acorreram ao Lar São José, onde houve animada apresentação musical e distribuição de presentes (fotos 6 a 8).

nos aproximou muito mais da Santa Igreja e nos fez sermos mais cristãos”.

Conservando grande admiração pelo fundador dos Arautos do Evangelho, e levando consigo todos os ensinamentos dele recebidos, atesta:

“Conheço o seu fundador, Mons. João Clá, desde que eu era adolescente e ele sempre foi para mim, além de formador de alma, o meu exemplo e meu modelo. Sem

*“Sentimo-nos acolhidos pelas irmãs, sempre tão atenciosas, pelos padres, extremamente preparados e muito acessíveis”*

sombra de dúvidas posso declarar com todas as veras da minha alma que o Mons. João é uma pessoa em quem o Espírito Santo habita e tem um amor entranhado até a última fímbria de sua alma à Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Para mim, é uma pessoa santa no sentido profundo da palavra santa. Não segui a vocação religiosa como Arauto interno, porém tive a felicidade de ser preparado para uma vida toda ela dedicada a servir



Fotos: Maria Fernanda Alves Aguiar

**Maringá (PR)** – No dia 10 de setembro, um conjunto de irmãs Arautos do Evangelho dessa cidade visitou a Associação Norte Paranaense de Reabilitação. Após a apresentação musical as missionárias aproximaram a Imagem Peregrina de cada um dos jovens e lhes ofereceram algumas lembranças.



Fotos: Lucilia Veas

**Mairiporã (SP)** – Confortar os idosos em suas necessidades e fortalecê-los na devoção a Maria Santíssima foi o principal objetivo das missionárias da Casa Sedes Sapientiae ao visitar os moradores do Lar São Vicente de Paulo.

a Nossa Senhora, e se não religiosa, uma vida familiar e conjugal, sendo exemplo de esposo e pai católico praticante e dedicando minha vida a Maria Santíssima e à Santa Igreja”.

Contente pelos anos de acolhimento e orientação, agradece a Mons. João pela formação que recebeu, por meio da qual – afirma ele – pôde se tornar quem é: “A preparação que é realizada nos Arautos é algo simplesmente de dar inveja a

*“Conheço o seu fundador, Mons. João Clá, desde que eu era adolescente; ele sempre foi exemplo e modelo para mim”*

qualquer instituto de educação que exista no mundo, não devendo em nada para nenhum. Falo isso com conhecimento de causa, afinal, depois que saí da vida de comunidade fui trabalhar como professor universitário, e exerci essa profissão nas melhores faculdades do norte do país, além do mestrado que fiz numa universidade de muito renome.

“E, entre as inúmeras turmas de pós-graduação não se vê nada se-

melhante aos Arautos do Evangelho”.

### **“O maior prêmio para um pai e uma mãe”**

Sendo atualmente CEO de um grupo de empresas que atuam em mais de quatorze estados do Brasil, o Sr. Agnaldo reconhece o grande papel que os ensinamentos recebidos tiveram para seu desenvolvimento profissional, e declara: “Toda essa formação não seria possível se o Mons. João Clá não tivesse fundado os Arautos do Evangelho. Tanto eu, quanto os outros que souberam aproveitar a formação que receberam, não seriam nada... Afinal, o que faz a diferença nas nossas vidas é o fato de nos ter sido dado com tanto amor e de forma gratuita, a nossa formação. Só Nossa Senhora para pagar o imenso bem que os Arautos fizeram por mim”.

Ao discorrer sobre o apostolado realizado na cidade de Brasília através do Projeto Futuro e Vida, Agnaldo opina que “A alegria e o bem que cada um recebe é o maior prêmio que um pai e uma mãe podem receber. Vemos estampadas em seus rostinhos a felicidade e alegria de estarem nesse ambiente de muita santidade.

“Ali se cumpre o que o fundador Mons. João sempre quis para as ca-

sas de suas filhas espirituais: que fossem escolas de santidade. [...] É o que sentimos quando estamos juntos ao apostolado que elas desenvolvem com as meninas que frequentam suas sedes, como também com o apostolado que elas fazem conosco”.

### **“Tudo o que vi são coisas boas”**

Aurivarton Antônio da Silva, pai de Gabriela, estudante do Colégio Arautos do Evangelho Internacional em Brasília, grato pela formação dada a sua filha e pela alegria manifestada por ela, diz: “Tudo que eu vi nos Arautos são coisas boas: rezam bastante, fazem atividades, teatro, esporte. A minha filha, desde o primeiro dia, gostou muito. Eu também gosto de estar lá e acompanhar as atividades. Aliás, as irmãs fazem questão que os pais também parti-

*“Tudo que eu vi nos Arautos são coisas boas: rezam bastante, fazem atividades, teatro, esporte”*

cipem. E minha menina está muito satisfeita, tanto na sede, quanto na escola”.

Desse modo Gabriela pôde alcançar um de seus maiores desejos, como afirma seu pai: “Um caso curioso é que, quando ela fazia aniversário, a gente cantava o parabéns e as amiguinhas dela sempre perguntavam: ‘Gabriela, o que você quer ganhar? Faça um pedido’. E ela sempre respondia: ‘Só quero ser feliz!’ E com a frequência dela nos Arautos ela foi adquirindo essa felicidade. Eu achava que não existia amor, felicidade tanto quanto havia lá em casa. Ela conheceu os Arautos e encontrou um amor maior, diferente, me surpreendeu!”

Também Marta, sua esposa, não pôde deixar de narrar a imensa alegria por ver o contentamento e desenvolvimento de sua filha: “Sempre que a Gabriela volta da sede dos Arautos, vejo estampada a felicidade no olhar dela! E se pergunto, a resposta é invariável: ‘Estou muito feliz!’”

### **“Maria age nessas crianças através de vocês!”**

Não só de Brasília chegam-nos testemunhos e agradecimentos por graças e favores recebidos através da evangelização feita pelas irmãs Arautos do Evangelho, mas também de inúmeras



Fotos: Ariane Silva

**Brasília – Nos fins de semana, famílias se dirigem à Casa do setor feminino dos Arautos a fim de participar da programação. À esquerda, curso de flauta para as meninas, e à direita, aula de música para os pais.**

outras partes, como Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro.

Assim, Ana Lúcia Businger Sena, mãe de Jhúlia, relata-nos as atividades realizadas pelo Projeto Futuro e Vida em sua cidade, sublinhando seu reconhecimento pela ajuda prestada na educação de seus filhos: “Quero aproveitar para agradecer a Deus pelos Arautos do Evangelho, porque quando temos fé em Deus, Ele sempre provê Anjos em nossas vidas, nos momentos mais difíceis, mais complicados. E os Arautos do Evangelho entraram na minha vida, primeiro com o Jonatah, meu outro filho, em um momento difícil para ele, porque tinha perdido o pai. Ele teve muito apoio, muita força, e o que ele aprendeu – porque ele ficou somente quatro anos nos Arautos –, leva para a vida toda: o amor a Maria...”

“E agora com a Jhúlia é a mesma coisa. Ela ficou encantada e até hoje ela mostra que tem vocação. Então, se for da vontade de Deus, e se ela quiser continuar nos Arautos, para mim será uma alegria muito grande. Mas sei também que se ela não ficar, o que ela está aprendendo aqui, o carinho, a atenção, a caridade, o amor ao próximo, o ajudar as pessoas, essa vontade de rezar que ela tem etc., tudo isso ela levará para a vida toda. Eu vejo famílias totalmente destruídas nas quais os fi-

lhos acabam vindo para cá... E essa semente é plantada e sei que muitas famílias são e serão restauradas através de vocês. É Maria agindo nessas crianças através de vocês!”

*“Ninguém faria o que Mons. João faz”*

Também Maria Carolina Araújo Ouverney Spitz, que acompanha de perto o desenvolvimento de sua filha Nicolle enquanto aluna do Colégio Arautos do Evangelho Internacional em Nova Friburgo, expressa o quanto a vê feliz por servir a Nossa Senhora. E, encantada com a formação que a jovem tem recebido, afirma: “As atitudes que essas meninas começam a tomar depois que entram e moram nos Arautos do Evangelho, para algumas pessoas e famílias são tidas como atitudes ‘estranhas’, ‘mis-

*“Vemos estampadas em seus rostinhos a felicidade e alegria de estarem nesse ambiente de muita santidade”*

teriosas’... Não é nada disso! Eu mu- dei muita coisa na minha vida, quan- tos bons princípios aprendi e até hoje aprendo dentro dos Arautos! Quanto bom exemplo!”

Maria Ouverney não deixa de externar também sua gratidão ao fundador e propulsor deste projeto iniciado com a juventude: “Agradeço a Mons. João Clá por tudo o que ele tem feito pela Igreja, por tantos anos de dedicação e renúncias a nosso favor! Ninguém neste mundo, feito de interesses, faria o que ele faz, ajudaria tanto a tantas pe- soas, tenho bem consciência disso. Sei que ele é inspirado pelo Espí- rito Santo! Agradeço a Deus e a Nos- sa Senhora que me fez nascer e vi- ver nessa época”.

*“Pude ver, com alegria, a participação das minhas filhas”*

O Prof. Reinaldo Kiss Ivanicska Junior, diretor de uma escola em Nova Friburgo e pai de duas alunas do Projeto Futuro e Vida, demons- tra sua satisfação pelo trabalho rea- lizado com suas filhas na casa dos Arautos do Evangelho, ao dizer: “Chamou-me a atenção essa manei- ra simples, mas fascinante de con- vocar os jovens a exercer sua reli- giosidade de maneira mais efetiva. Pude ver, com alegria, a participa- ção das minhas filhas nestas ativi-



**Nova Friburgo – A participação na Santa Missa, a recepção de bênçãos (esquerda) ou as apresentações musicais das alunas do Projeto Futuro e Vida dão ensejo para as famílias se reunirem na casa do setor feminino.**

dades e a felicidade de eu mesmo reinserir-me novamente na caminhada religiosa”.

### ***“Minha filha começou a chegar serena e calma”***

Igualmente, Luciano e Fabrícia Guzzo expressam seu entusiasmo por participar das atividades da comunidade das irmãs de Nova Friburgo: “Só temos a agradecer a Nossa Senhora por termos conhecido os Arautos do Evangelho! Desde que nossa filha começou a participar, nós acompanhamos tudo. Cada dia fomos conhecendo mais a fundo e sentindo a presença de Deus em tudo que os Arautos promovem”.

Manifestam também seu compromisso pela transformação operada no comportamento de sua filha Laira, após esta começar a frequentar o Projeto Futuro e Vida na casa do setor feminino: “Ela começou a mudar, ficou obediente, rezava mais e desejava melhorar em tudo que agrada a Deus. Começou a chegar em casa serena e calma, como nós nunca tínhamos visto antes”.

E receberam com grande alegria o pedido de sua filha para ingressar na instituição: “Nós aprovamos no mesmo momento, pois sentimos que o desejo dela era sincero de procurar a santidade. Além disso, já estávamos vivendo, como família, que ela estava recebendo formação católica autêntica, muito amor, respeito e cuidados”.

Atestam ainda seu reconhecimento pelo trabalho evangelizador feito pelos religiosos e religiosas: “O zelo, a disciplina e a seriedade com o Magistério da Igreja só encontramos nos Arautos do Evangelho. Nós, família, encontramos nos Arautos, a verdade de Cristo e o amor a Nossa Senhora, que é o único caminho que nos leva a Jesus”.

### ***“Pela primeira vez vi a família toda na igreja”***

Do mesmo modo, Roberto de Oliveira Amaral relata uma nova eta-

pa de sua vida, após sua participação, juntamente com sua filha, nas atividades realizadas na casa do setor feminino dos Arautos do Evangelho em Nova Friburgo: “Passamos a participar das Missas todos os domingos. A rezar o terço em grupo aqui em nossa comunidade. Muitas bênçãos! Um belo dia fomos convidados a fazer a preparação para a consagração a Nossa Senhora, que

*“Nós, família,  
encontramos nos  
Arautos, a verdade  
de Cristo e o amor  
a Nossa Senhora,  
único caminho que  
nos leva a Jesus”*

foi marcada para o dia 8 de dezembro de 2018, dia do meu aniversário: pela primeira vez, em meus cinquenta e três anos de idade vi minha família toda na igreja. Desde este dia a oração passou a fazer parte da minha vida. Tudo isso fruto dos Arautos do Evangelho, uma ordem que tenho cravada no coração. Fico muito feliz em sentir o carinho e o zelo que eles têm com nossa Igreja”.

\* \* \*

Como esses, vários outros testemunhos demonstram a satisfação pelo trabalho missionário das irmãs do setor feminino dos Arautos do Evangelho.

Certas de que “o caminho mais excelente” (I Cor 12, 31) é a caridade, procuram elas levar a palavra, a paz e a alegria às pessoas, a fim de que, antes de se estabelecer o triunfo de Maria na terra, possa Ela triunfar nos corações. ✧

## ***“Foi um presente de Deus”***

Irmãs da Casa Monte Carmelo cantaram, conversaram e deram presentes numa comunidade de recuperação de dependentes químicos.

**A**companhando o Pe. Aumir Scomparin, EP, coordenador do Fundo de Ajuda Misericórdia, um conjunto musical do setor feminino dos Arautos do Evangelho visitou no dia 7 de setembro a Comunidade Terapêutica Maanaim, em Vargem Grande Paulista (SP).

O objetivo da viagem era solenizar a Missa celebrada pelo Pe. Aumir na capela dessa benemérita instituição dedicada à árdua tarefa de auxiliar na recuperação de dependentes químicos. Mas as irmãs foram além e improvisaram um pequeno concerto musical para os internos, rezaram o Terço com eles e lhes entregaram presentes, estimulando-os com palavras de esperança.

Grata aos Arautos do Evangelho, Da. Maria Lucy, proprietária da Comunidade Terapêutica Maanaim, relata a história da fundação, satisfeita por toda a ajuda prestada pelos Arautos: “Esta comunidade se iniciou há mais ou menos dez anos. Chegou uma determinada hora em que não tínhamos mais como levar em frente a construção. Foi quando meu pai me deu uma agenda, que ele ganhava todos os anos dos Arautos do Evangelho. E eu,



Diversos aspectos da visita realizada à Comunidade Terapêutica Maanaim - Vargem Grande Paulista (SP)

folheando-a, achei: ‘Fundo Misericórdia’. Escrevi para o Pe. Aumir Scomparim e, feitos os trâmites necessários, obtivemos a ajuda pedida.

“Depois de quatro anos mais ou menos, nós resolvemos fazer uma

outra benfeitoria, um alojamento, e novamente contamos com a ajuda dos Arautos do Evangelho. O Pe. Aumir, através do Fundo Misericórdia, deu esta colaboração magnífica. E hoje ele, com toda a sua

equipe – as freiras, padres – está aqui para celebrar a quinta Missa realizada nesta comunidade pelos Arautos do Evangelho. Eu agradeço profundamente, foi um presente de Deus”. ✧

Fotos: Maria Luíza B. de Albuquerque

## “*Consummatum est!*”

No dia 3 de outubro de 1995, Dr. Plínio consumava seu holocausto. Logo após o falecimento, florescia em seu rosto já inerte um sorriso, como se estivesse a contemplar desde a eternidade uma aurora de grandes vitórias.

**Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP**



Sérgio Miyazaki

**A**s visitas a Nossa Senhora do Bom Conselho, em Genazzano, sempre haviam sido para o Autor, ocasião de especiais graças de conforto, proteção e estímulo sobrenaturais. De forma invariável, após cair de joelhos aos pés da imagem e começar a rezar ou a contemplá-la, em certo momento dava-se algo muito curioso: através das circunstâncias, de coincidências ou vozes interiores, Ela manifestava o seu carinho maternal e, inclusive, fazia-lhe ouvir uma palavra a respeito do futuro. Inúmeras foram as mensagens transmitidas desse modo, ao longo dos anos e das décadas.

Assim, ao chegar à Itália no dia 1º de agosto de 1995, ele partiu do Aeroporto de Fiumicino diretamente para Genazzano, com vários acompanhantes, a fim de rever *Mater Boni Consilii* e cumprir algumas promessas.

### ***Diante da imagem, uma voz interior***

Ao descer do automóvel junto ao Castelo Colonna, porém, tiveram uma surpresa: via-se na praça uma multi-

idão de pessoas, as senhoras vestidas de negro e os homens usando gravata preta, todos com fisionomias tristes e compungidas, embora gesticulassem e conversassem em voz alta, bem de acordo com a expansividade daquele povo. O que sucedia ali? Logo se deram conta: era um enterro. Um tanto impressionado, o Autor pensou: “Ser recebido aqui por um funeral? Nunca me aconteceu... Isso terá algum significado?”

O clima causava-lhe uma sensação estranha. Enquanto a ventania quente e agressiva levantava do chão nuvens de poeira vermelha, o céu toldado e pardacento ameaçava uma chuva torrencial. Chegar a Genazzano sob aquelas condições atmosféricas motivou-lhe um mau pressentimento: “Tudo isto me mostra uma tragédia prestes a sobrevir. O que será?”

Caminharam eles sob guarda-chuvas em direção à igreja, esgueirando-se no meio do povo. Quando algumas pessoas se afastaram para deixá-los passar, depararam-se com um esquife, conduzido por oito homens e rodeado por uma família que chorava. Novamente o Autor teve

um sobressalto e disse para si: “Haverá nisso um aviso mandado por Nossa Senhora? Talvez vá morrer alguém do Grupo, mais importante do que você pensa. Quem?” De joelhos diante da imagem, encontrou-a especialmente acolhedora e comunicativa, e perguntava-se: “O que Ela querará dizer?”

Enquanto fitava o afresco ele sentiu de repente, em seu interior, algo à maneira de uma voz claríssima, como se alguém desejasse fazer-lhe chegar uma notícia grave: “Dr. Plínio vai morrer”.

Aquelas palavras eram completamente inesperadas. Tendo grande sobressalto e não querendo nelas acreditar, reagiu: “Não é possível. Justo agora, aqui diante de *Mater Boni Consilii*, onde eu vim procurar consolo, me sobrevém uma ideia tão absurda? Deve ser puro subjetivismo ou tentação do demônio para me incomodar...”

Movido pela fé que depositava na missão de seu pai e fundador, e respaldado pela graça de Genazzano por ele recebida em 1967,<sup>1</sup> o Autor sempre havia defendido a ideia

de que Dr. Plínio não morreria sem cumprir por inteiro seu chamado, essencialmente relacionado com os acontecimentos previstos na mensagem de Fátima e com a implantação do Reino de Maria na face da terra. Assim, a hipótese do falecimento dele era uma perspectiva ante a qual jamais se detinha.

Então, lutando contra esse anúncio surpreendente, fez esforços para rezar, mas não o conseguiu, pois a voz insistia: “Dr. Plínio vai morrer! Dr. Plínio vai morrer! Estou lhe avisando!” Era um pressentimento fortíssimo e convincente, que não cessava sequer por um segundo.

### *A aflição cede lugar à calma*

Entretanto, simultaneamente olhava para a imagem: esta se mostrava cheia de afeto e benevolência, incutindo-lhe paz, serenidade e consolação. E parecia dizer-lhe: “Meu filho, prepare sua alma e seus nervos, pois isso vai acontecer. Dr. Plínio vai morrer, mas não se preocupe, porque Eu mesma conduzirei as coisas com muito auxílio e proteção, de maneira miraculosa. Tudo dará certo, tudo se equilibrará. Tenha confiança”.

Na manhã seguinte, novamente aos pés da Mãe do Bom Conselho, aquela ideia voltou com a mesma nitidez, mas também com paz de alma

e, inclusive, acompanhada de alegria e de confiança, com esta convicção: “Aconteça o que acontecer com Dr. Plínio, ele cumprirá sua missão e vencerá!”

A partir desse momento, com o passar dos dias a aflição cederia lugar à calma e a um misterioso fortalecimento, dado a ele pela graça para enfrentar as situações dramáticas que o esperavam. Assim transcorreu o mês de agosto.

Estando em Paris no dia 15, o Autor foi chamado ao telefone por Dr. Plínio, o qual desejava cumprimentá-lo por seu aniversário. Nessa ocasião discerniu, pela voz, o quanto a saúde dele havia sido abalada, o que alimentou ainda mais a sensação da morte próxima. E no dia 20, já nos Estados Unidos, recebeu uma notícia muito sintomática de alguma doença grave: ele estava exausto e emagrecera treze quilos.

Dias mais tarde, o Autor dispôs-se a retornar ao Brasil.

### *Sofrimento inenarrável e partida para o hospital*

No dia 21 de agosto, Dr. Plínio partiu para o Êremo do Amparo de Nossa Senhora com a intenção de descansar. Ele percebia estarem esgotadas suas energias e sentia-se consumido por alguma doença grave.

Entretanto, apesar dos tremendos incômodos que havia muito tempo padecia, ainda não dissera uma palavra a respeito nem recorrera aos médicos, pelo receio de um diagnóstico que o obrigasse a afastar-se do convívio do Grupo e isolar-se, com as consequências que isso acarretaria para sua obra. Assim, teve o martírio de atravessar esse drama sem proferir a menor queixa.

Em Amparo, sua saúde piorou a cada dia. Tão clara noção possuía de caminhar para o fim, que, encontrando-se ele certa ocasião em conversa com um de seus auxiliares, declarou:

— Dentro de um mês, Plínio Corrêa de Oliveira será um homem morto.

No dia 31, as indisposições e a fraqueza aumentaram a ponto de ele carecer de forças para sair do quarto. Oprimido por terrível abatimento desejava conservar-se a sós, e comentou na intimidade que os seus sofrimentos de alma haviam chegado ao inenarrável, “além do além, do além...”

No dia seguinte, incapaz de alimentar-se, teve ainda uma dolorosa constatação: por períodos, sentia apagar-se em sua mente a luz da consciência e da razão. Em determinado momento, voltando a si, levou a mão à cabeça e disse com toda a calma:

— O problema está aqui.

*Dr. Plínio vai morrer, mas não se preocupe, porque Eu mesma conduzirei as coisas com muito auxílio e proteção*

O Autor diante do afresco de Nossa Senhora do Bom Conselho, em agosto de 1995



Luiz Francisco Beccari



*Pelo receio  
de um diagnóstico  
que o obrigasse  
a afastar-se do  
convívio, ele  
não proferira a  
menor queixa*

Cenas da última estadia de Dr. Plínio no  
Êremo do Amparo de Nossa Senhora,  
em agosto de 1995



Fotos: Arquivo pessoal do Autor

Ao fim daquela tarde, tendo se agravado o estado de subconsciência de exaustão, não havia outra medida a tomar: tanto os médicos quanto os demais circunstantes concordavam em que a internação hospitalar se tornava indispensável. À noite, um dos veteranos ali presentes aproximou-se da cama e deu-lhe esta breve explicação:

— Dr. Plínio, a situação do senhor é tal que não há outro meio: o senhor precisa ir para um hospital.

A resposta, clara e lúcida, foi imediata:

— Se é preciso, vamos já.

Em poucos minutos, acompanhado por alguns membros do Grupo, ele rumava para o Hospital Alemão Oswaldo Cruz, em São Paulo.

Conduzido à emergência para uma primeira avaliação clínica, da qual resultou um diagnóstico tranquilizador, Dr. Plínio foi mais tarde levado ao quarto.

### ***Uma terrível notícia confirma os avisos***

No dia seguinte, 2 de setembro, o Autor já se encontrava no Brasil. Era um sábado. Pela manhã ele foi chamado ao telefone por um dos médicos do Grupo presentes no hospital, com informações sobre o resultado dos mais recentes exames:

— Acabam de realizar o ultrassom: diagnosticaram um câncer enorme no fígado, e agora será feita a radiografia do tórax para ver até onde vão as metástases.

Ao ouvir a notícia, repetiu-se a mesma voz interior sentida junto a *Mater Boni Consilii*: “Dr. Plínio vai morrer, Dr. Plínio vai morrer”. Entretanto, desta vez ela não trazia carga de tragédia, mas apenas serenidade, com a certeza absoluta de que aquilo era um desígnio de Deus e que a premonição de Nossa Senhora seria cumprida: ele morreria por ter-se oferecido como vítima expiatória.

Meia hora depois, outro telefonema:

— A radiografia indica metástases nos dois pulmões.

— Quanto tempo dão de vida?

— Dois ou três meses, no máximo.

O Autor saiu às pressas para o hospital. Sem se deixar abalar, encarava a situação com uma paz de espírito que a ele mesmo surpreendia. A partir desse dia, o sobressalto de Genazzano se tornava uma graça de segurança e estabilidade. Assim, com o panorama plenamente claro, percebeu ser a vez de preparar o Grupo.

Para ele não existia sombra de dúvida: a causa defendida por Dr. Plínio era invencível, e sua obra não podia

fenecer. O falecimento dele, como holocausto aceito pela Providência, não seria um episódio que interromperia o curso normal dos acontecimentos, mas, pelo contrário, significaria uma aurora de grandes vitórias e de graças místicas para seus filhos fiéis.

### ***Unção dos Enfermos e Viático***

Naquele dia 2 de setembro, após visitar Dr. Plínio e conversar com ele, narrando episódios da sua última viagem, uma das primeiras providências tomadas pelo Autor foi procurar um sacerdote conhecido, a fim de levar a seu pai e fundador o Sacramento da Unção dos Enfermos. Às onze e meia da noite perguntou-lhe se assim o desejava, utilizando linguagem indireta para evitar-lhe um choque emocional ante a perspectiva da morte:

— Na situação em que o senhor está, aqui no hospital, o senhor tem direito aos Santos Óleos. O cônego está aqui, e poderia administrá-los. O senhor gostaria de recebê-los?

— Ah, sim! Muito, muito!

— Ele pode também administrar o Viático ao senhor?

— Quero muito.

No fim, Dr. Plínio agradeceu efusivamente ao padre. Contudo, alguns julgaram que ele não tivera plena consciência do acontecido, enquanto era ungido e comungava. Ora,

durante a madrugada, dirigindo-se a um dos seus auxiliares, comentou:

— O João esteve aqui com o cône-go, preparando-me para a morte.

Na realidade, com a saúde minada por um câncer tão volumoso, ele não foi apanhado de surpresa, mas viu a morte acercar-se de longe, talvez a partir do ano de 1994 ou ainda antes. Embora lutasse contra ela, não tinha medo quanto à sua salvação eterna, pois depositava plena confiança na intercessão de Nossa Senhora junto ao Divino Juiz. Disposto a morrer, o seu grande tormento não consistia em verificar a proximidade do desenlace, mas no drama colossal que sua alma atravessava.

*“Se um ponto estivesse claro...”*

A provação de Dr. Plínio era em primeiro lugar causada pela própria doença. É sabido que o câncer produz forte perturbação no organismo e, no caso dele, houve influência das preocupações de que sua existência estava crivada. Entretanto, o seu sofrimento máximo nessa etapa final foi uma tremenda perplexidade, um problema sem solução. Durante o período de sua permanência no hospital, em três ocasiões distintas, duas das quais em conversa com o Autor, ele proferiu o seguinte gemido:

— Meu filho, se um ponto só ficasse claro para mim, tudo estaria resolvido.

Qual era esse ponto que ele ansiava por esclarecer? Quem conhecia Dr. Plínio de perto e ouvira outrora as suas confidências não tinha dificuldade em descobri-lo.

Sabendo-se chamado desde a infância a vencer a Revolução e a participar da implanta-

ção do Reino de Maria, compreendia ser chegada a hora extrema, sem que seus olhos vissem a promessa cumprida e a face da terra renovada. Então, questionava-se com angústia: “O que será de minha missão?”

É verdade que tal pergunta poderia ser facilmente respondida se ele tivesse a certeza de morrer por um desígnio de Deus, em aceitação do oferecimento como vítima expiatória e, portanto, sem culpa de sua parte. Nesse caso, a vocação seria realizada da forma mais bela entre todas, *post mortem*, através do holocausto. Mas não estaria ele, pelo contrário, sendo levado deste mundo em consequência de um castigo da Providência, por alguma infidelidade? E qual seria essa falha?

Talvez não ter dado a Nossa Senhora tudo quanto Ela exigia? Examinava a consciência e nada encontrava.

*O seu grande tormento não consistia em verificar a proximidade do desenlace, mas no drama colossal que sua alma atravessava*



Dr. Plínio recebendo a Unção dos Enfermos, em 2 de setembro de 1995

Tal foi exatamente o paradoxo, o mais doloroso de toda a sua história, que o atormentou sem interrupção durante o último mês até o momento de cruzar o limiar da eternidade. Era o tormento característico dos Santos, criaturas tão perfeitas que, vendo diante de si a possibilidade de se elevarem a uma perfeição ainda maior, sofrem por não alcançarem essa altura desejada na união com Deus.

Outro aspecto do drama interior de Dr. Plínio consistia na apreensão a respeito de sua obra, fruto de toda uma existência de sacrifício e de esforço heroico. Ficaria o Grupo acéfalo, quando ele viesse a faltar? Ele percebia com nitidez qual era o estado espiritual de alguns setores e bem sabia que, sem especial auxílio de Nossa Senhora, em breve se desfariam. Cumprir-se-ia então a palavra da Escritura que diz: “Ferirei o pastor, e as ovelhas serão dispersas” (Mc 14, 27)?

*Os sofrimentos de um fundador-vítima*

Para bem compreender Dr. Plínio em seu leito de dores é preciso considerar que, em geral, aqueles que entregam sua vida a Deus em holocausto e são por Ele aceitos passam por terríveis provações de alma ou de corpo, e inclusive a morte, sem terem a noção clara de padecer em função de tal oferecimento. Se estivessem convictos dessa relação de causa e efeito entre a sua imolação e os sofrimentos a que depois são submetidos, receberiam com isso tanto alívio que os seus méritos seriam consideravelmente diminuídos ou, talvez, anulados.

Por ação da Providência, algumas vítimas chegam a esquecer-se por completo do ato praticado e julgam-se objeto da ira ou do abandono de Deus, em punição por suas culpas e misé-rias. A dúvida e a incer-

teza são, pois, elementos essenciais e característicos dessa via espiritual.

Ora, quando a pessoa assim colhida por Deus está no nascedouro de alguma instituição religiosa, é normal serem suas tribulações ainda maiores, pois, em geral, todo fundador deve sofrer pelos filhos que o seguirão ao longo dos tempos.

### Última Comunhão

A 22 de setembro, durante a reunião matutina o Autor comunicou aos membros do Grupo o verdadeiro estado do pai e fundador de todos. Concluía-se desse modo a longa preparação que se iniciara com ele próprio, em Genazzano, junto à imagem de *Mater Boni Consilii*.

No dia seguinte Dr. Plínio se encontrava numa inconsciência quase completa, em cujos intervalos podiam-se ouvir dele algumas palavras como estas, pronunciadas logo pela manhã:

— Assim na terra como no Céu. Assim na terra como no Céu. Para entrar no Céu é preciso rezar.

Na segunda-feira, dia 25, todos os padecimentos das semanas precedentes pareceram concentrar-se sobre ele, e alguns pensaram haver chegado o fim. As dores lancinantes lhe arrancavam gemidos e todo o seu corpo tremia de febre, enquanto segurava com força a relíquia do Santo Lenho, que ele não abandonaria até o instante supremo.

Nessa noite ele comungou pela última vez. De forma inesperada, no momento em que o sacerdote ia retirar-se por julgar tal Comunhão impossível, ele voltou a si e fez sinais de querer receber o Santíssimo Sacramento. Era o ponto final, nesta terra, daquele convívio eucarístico iniciado a 19 de novembro de 1917 na Igreja de

Santa Cecília,<sup>2</sup> e até então jamais interrompido.

### Palavras derradeiras

Na quarta-feira, em meio aos horríveis incômodos de um tratamento realizado em suas vias respiratórias, de modo surpreendente dirigiu-se a um dos seus auxiliares e, falando com grande dificuldade, disse-lhe:

— Nossa Senhora está vencendo a batalha. Só falta Deus dar a vitória.

E em seguida pediu:

— Reze uma *Salve Regina* por mim.

Sim, a derradeira palavra de Dr. Plínio registrada por seus filhos foi um pedido. Desejava que recitassem por ele essa prece que norteava seus passos desde a infância, a partir daquele dia em que, menino angustiado e sofredor, caiu aos pés de

*Nessa hora extrema  
transpareceram na  
fisionomia, bem  
como na respiração  
compassada, todos  
os sinais do seu  
sofrimento*



Dr. Plínio conversando com o Autor, no Hospital Oswaldo Cruz

Maria Auxiliadora e suplicou: “Salvai-me, Rainha!” Como não haveria de salvá-lo, agora, a Rainha que ele amara com tanta ternura, à qual consagrara toda uma existência de imolação, de piedade, de lutas e de apostolado?

Com efeito, foi possível constatar como o quadro de Nossa Senhora do Bom Conselho, constantemente diante dele, tornou-se o ponto de referência quase exclusivo de Dr. Plínio no hospital. Em seu suave extinguir, ele passava manhã, tarde e noite fitando esta imagem e rezando sem interrupção. Quando, afinal, durante os três últimos dias ele deixou por completo de falar, seu olhar fixou-se em Nossa Senhora até entrar na agonia final.

### A glória de um varão de Deus

Por fim, às três e meia da tarde de uma terça-feira, 3 de outubro de 1995, iniciava-se a agonia. Na mão direita ele mantinha o Santo Lenho e na esquerda o rosário e uma vela benta acesa. Ao seu lado direito, o sacerdote recitava a oração dos agonizantes. Nessa hora extrema transpareceram na fisionomia, bem como na respiração compassada, todos os sinais do seu sofrimento, da sua imensa luta, do seu drama espiritual. Paradoxalmente, ele se mostrava cheio de paz e serenidade, mas, ao mesmo tempo, contraído, aflito, entranhado nas

garras da morte, tomado pelas angústias e dores lancinantes da separação entre a alma e o corpo. Às seis e vinte e cinco Dr. Plínio exalou o último suspiro.

Para o Autor, houve naquele momento uma consolação sobrenatural misteriosa. Enquanto alguns choravam e outros se retiravam do quarto para dar largas à consternação, ele não conseguia entristecer-se, mas,



Sérgio Miyazaki

Missa de corpo presente na Igreja de Nossa Senhora da Consolação, 4/10/1995

pelo contrário, sentia em seu interior um verdadeiro entusiasmo, uma enorme alegria por assistir a essa cena de tanta majestade. Não se tratava do falecimento de uma pessoa muito amada. Ele não vira seu pai e senhor morrer. Aos seus olhos, era a passagem de um varão de Deus, no auge de sua glória, da terra para a eterna bem-aventurança.

Configurava-se ainda mais em sua alma a convicção que sempre o orientara: contra toda e qualquer aparência, Dr. Plínio venceria. Essa era a grande realidade, e ele não tinha a menor dúvida quanto ao início de uma nova era histórica, comprada por tão alto oferecimento. Foi então que o filho se inclinou e abraçou o pai e senhor, reclinando a cabeça em seu peito, pois pensava: “A alma dele sairá do corpo em linha ascensional. Logo, passará por mim”.

### **No ataúde, o sorriso**

Quatro meses e meio antes de sua morte, durante uma reunião, Dr. Plínio discorria sobre o papel do sofrimento na vida dos homens. Defendia que a dor bem aceita é, por sua vez, geradora de uma alegria festiva, característica das almas que se entregam a Deus sem nada reservarem para si.

“A verdadeira dor tem em si a misteriosa festa do oferecimento levado a efeito”, dizia. E, fazendo alusão às palavras do Divino Salvador no alto

*Sob o influxo  
da alma  
imersa no gozo  
sem limites da  
visão de Deus, no  
corpo já inerte o  
sorriso floresceu*

da Cruz, comentava em seguida: “É próprio do holocausto ter sido prestado com tanta boa vontade que, na hora do ‘*consummatum est*’, floresce um sorriso”.

Pois bem, exatamente esse sorriso foi visto na face de Dr. Plínio, para surpresa de todos, ao ser seu corpo trasladado para o caixão funerário, já revestido do hábito. Havia prestado o seu holocausto com tanta generosidade que, quando pôde proclamar “Tudo está consumado” (Jo 19, 30), em sua fisionomia foi verificada uma impressionante mudança: até então desfigurado e irreconhecível, nesse momento passou a refletir uma alegria suave, serena e pleníssima, sem o menor traço de amargura ou decepção.

Ao abandonar o corpo sua alma foi acolhida por Deus, e todas as dúvidas e incertezas se dissiparam. Ele viu

com clareza o quanto seu oferecimento havia sido bem recebido e produziria resultado: sua missão seria cumprida, e a Revolução, derrotada.

Também nessa passagem para a luz ele compreendeu por inteiro a própria vocação, tão elevada e sublime que não tivera a possibilidade de desvendá-la para si mesmo no decurso da existência terrena. E, por ser fundador, certamente contemplou num só olhar o futuro de sua obra até o fim dos tempos. Então, misteriosamente, sob o influxo da alma imersa no gozo sem limites da visão de Deus, no corpo já inerte o sorriso floresceu. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de: *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.V, p.413-467

<sup>1</sup> Num momento de grande provação no ano de 1967, Dr. Plínio recebeu uma insigne graça ao contemplar uma reprodução do afresco de Nossa Senhora do Bom Conselho, venerado na cidade italiana de Genazzano. Sem propriamente ouvir uma voz, ele sentiu no fundo de sua alma a Santíssima Virgem como que lhe dizer: “Meu filho, não se perturbe. Confie, porque sua obra será concluída e você cumprirá por inteiro sua missão”. Essa promessa interior era chamada por Dr. Plínio de *graça de Genazzano*.

<sup>2</sup> Nesse dia Dr. Plínio fez sua Primeira Comunhão.

# Leão de combatividade a serviço da Igreja

Foi infatigável pregador, missionário e apóstolo. Destacou-se como exímio jurista e homem de Estado, mas também como místico, teólogo, taumaturgo e até como guerreiro. Lutou como um leão contra os próprios defeitos e contra os inimigos da Santa Igreja.



Pe. Flávio Roberto Lorenzato Fugyama, EP

**B**atalha iminente... Troar de canhões, movimentação de máquinas de guerra. Duzentos mil homens! À frente das tropas, o próprio sultão, Maomé II, avançava. Era a destruição, a carnificina e a barbárie que despencava sobre a Europa. Em vão o Vigário de Cristo lançara o brado de alarme: príncipes, senhores e cavaleiros se fizeram surdos à sua voz. Todos haviam renunciado a uma luta que se afigurava impossível.

Após a conquista de Constantinopla, capital do Império Romano do Oriente, em 1453, nada parecia poder barrar a investida turca e o esmagamento da Cristandade europeia, tristemente amolecida. Decerto, varrida e exterminada seria após o próximo golpe que, desta vez, se encaminhava contra Belgrado. Abandonados pelas outras nações cristãs, esmorecidos na esperança, os húngaros estavam decididos a assinar humilhante trégua com os otomanos. Todos desesperavam da situação... exceto um homem.

Quando tudo dava a impressão de estar perdido, Deus enviou um varão

providencial que, pelo ardor de suas palavras e calor de sua influência, teria a missão de aglutinar os bons, eliminar suas querelas e interesses pessoais e levá-los a defender a Fé.

## *Jovem e bem-sucedido governante*

João nasceu em Capetrano, na região dos Abruzos, pertencente ao então Reino de Nápoles, em 24 de junho de 1386. Havendo perdido o pai muito cedo, viveu uma infância calma e pura, junto à sua virtuosa mãe.

Quando atingiu a adolescência, partiu para a Úmbria, província vizinha, estabelecendo-se em Perugia, onde estudou por cerca de dez anos Direito Civil e Canônico. Ali deu tais provas de capacidade no exercício da jurisprudência que mesmo seus antigos mestres não enrubesciam em consultá-lo nas questões mais espinhosas.

Com pouco mais de vinte e cinco anos, João foi nomeado governador daquela cidade. De natural retidão, exerceu sua nova missão de forma exímia: “Os pobres nele tiveram sustento, as pessoas de bem um protetor, os

desordeiros um juiz severo. Sob sua autoridade, a província inteira recobrou uma segurança que, havia muitos anos, já não conhecia. O roubo desapareceu, os crimes diminuíram, as propriedades e as leis foram enfim respeitadas. Nada podia fazer-lhe transigir com a injustiça”.<sup>1</sup>

Certa ocasião, prometeram-lhe uma considerável soma de dinheiro se obtivesse ganho de causa a um poderoso senhor da região, dando sentença de morte contra um inocente, seu inimigo. Mesmo sob a ameaça de um punhal, João indignou-se com a proposta e examinou seriamente o caso, declarando, por fim, a inocência do acusado.

Apesar de “pequenas” contrariedades como essa, tudo sorria para o jovem governador. Sucesso na vida, fama na sociedade, promessa de casamento com a filha única de um dos homens mais ricos da cidade. Mas, coisas maiores Deus reservava para ele...

## *O fracasso e a conversão*

Tudo começou a mudar de colorido quando, surgindo dissensões

entre os habitantes de Perugia e alguns governantes da sua região natal, João foi incumbido de negociar a paz. Ele não poupou esforços e viagens para cumprir essa tarefa, mas os umbrianos, supondo que João os estivesse traíndo, resolveram prendê-lo.

Confinado no alto de uma torre, atado por pesadas cadeias e tendo apenas pão e água como alimento, pensava num meio de escapar à morte... Semelhante ao que faria poucos anos depois Santa Joana d'Arc, João calculou a altura da construção, cortou um tecido em pequenas faixas e atou-as, formando uma espécie de corda pela qual começou a descer, rente à muralha externa. Entretanto, as faixas se romperam, terminando ele por quebrar um pé na queda.

O barulho dos ferros atraiu a atenção dos guardas, que o prenderam novamente, lançando-o, desta vez, num calabouço subterrâneo, onde a água chegava-lhe aos joelhos. Vendo-se abandonado por todos e meditando na instabilidade das coisas humanas, é então que a graça o toca a fundo: aparece-lhe São Francisco de Assis, convidando-o a ingressar em sua Ordem. E João dá a Deus o seu *fiat*.

“Após esta visão seus cabelos foram miraculosamente cortados em forma de tonsura e ele nada mais quis senão executar a ordem do Céu”.<sup>2</sup> João transformara-se num homem novo.

### ***Ingresso na Ordem Seráfica, duras provas***

Libertado da prisão depois de pagar um vultoso resgate, para o qual teve de empenhar a maior parte dos seus bens, dirigiu-se ao convento franciscano de Perugia, pedindo ser admitido na Ordem. Tinha então trinta anos.

Ora, a fim de assegurar-se da autenticidade de uma vocação tão



### **Aprendendo a ser um leão contra si mesmo, transformou-se num apóstolo de fogo**

São João de Capistrano, por Alonso del Arco - Museu do Prado, Madri

súbita, o guardião da comunidade julgou necessário submeter o candidato a algumas provas. Para calcar aos pés o respeito humano, mandou-o atravessar as ruas de Perugia, onde havia pouco recebia tantas honras e louvores, montado num burrico, revestido de andrajos e portando um cartaz no qual se liam seus pecados. As crianças lhe atiravam pedras, o populacho o perseguia com vaías, todos o desprezavam como um louco.

Neste período, ainda a título de prova, chegou a ser expulso do convento duas vezes, sendo readmitido debaixo de duríssimas condições.

Triturando seu orgulho por tais atos de humildade, não é de admirar que tenha atingido, em voo rápido, sublime perfeição na vida religiosa. “A maneira por que suportou todas essas provações possibilitou-lhe obter sobre si mesmo uma vitória com-

pleta. Depois disso nada houve que lhe parecesse difícil”.<sup>3</sup>

### ***Nas mãos de um santo mestre de noviços***

Uma das maiores alegrias de um religioso consiste em ter um superior santo. Submeter-se a alguém que tenha como único objetivo temperar as almas de seus subordinados ora pela alegria do bom convívio, ora pela “correção, grande meio de salvação”,<sup>4</sup> é de fato um gáudio incomparável.

Assim, com vistas a elevá-lo e uni-lo mais a Deus, o Bem-aventurado Onofre de Seggiano procurou pô-lo nos trilhos da despreensão dirigindo-lhe todos os dias severas reprimendas. São João guardaria sempre vivo reconhecimento, profunda afeição, verdadeira veneração àquele mestre de noviços: “Eu dou graças ao Senhor, repetia muitas vezes, por me ter dado um tal guia; se ele não tivesse usado para comigo de semelhantes rigores, jamais eu teria adquirido a humildade e a paciência”.<sup>5</sup>

O método obteve resultados eficazes. Aprendendo a ser um leão contra si mesmo, transformou-se num apóstolo de fogo, cujas palavras arrebatariam multidões. Sua simples presença estremeceria os infernos, seria motivo de pavor para os maus, e de ânimo, entusiasmo e união para os bons.

### ***Reformador franciscano e inquisidor-geral***

A obediência o levou a percorrer a Europa inteira, pregando o Evangelho e realizando tarefas da maior responsabilidade no seio dos Frades Menores ou em benefício da Igreja Universal. Foi Comissário Apostólico durante anos, Visitador-Geral da Ordem, Vigário-Geral repetidas vezes. Com Martinho V, grande luta travou a fim de harmonizar os Irmãos Menores Observantes e os Conventuais sob uma mesma regra.

Não era apenas em sua Ordem que se espalhava a divisão. Uma maré montante de novas doutrinas assolava a Igreja, constituindo outro campo de batalha. Além dos *fraticelli*, já existentes, surgiram os partidários de John Wycliffe, e de Jan Hus, desviando-se, cada qual com suas teorias, dos sãos ensinamentos da tradição eclesiástica. Chegaram a tomar armas e, a fim de impor suas crenças a ferro e fogo, semeavam destruição, pânico e carnificina por onde passavam.

“Todavia, no seio desta noite de trevas e de sangue, em face desses insurrectos fanáticos e desses profetas do inferno, São João de Capistrano se ergueu como a sentinela avançada do Papado, como o flagelo da hipocrisia e da rebelião, como a muralha inexpugnável da verdade católica. O Papa o tinha nomeado inquisidor-geral para toda a Cristandade”.<sup>6</sup>

Utilizando-se de um método sapiencial, São João de Capistrano procurava esclarecer a doutrina católica aos opositores, organizava discussões públicas que permitiam a todos expor suas ideias e conhecer a verdade da Igreja, e por fim perdoava a todos os que manifestassem arrependimento. Extremamente bondoso, sabia aliar à justiça o bom senso.

A título de ilustração, dois fatos nos permitem conhecer melhor esse modo de proceder.

Encontrava-se João em Breslau, na Polônia, quando alguns hereges, querendo zombar dele, montaram uma paródia: fingindo ser católicos, colocaram um rapaz vivo num caixão, com o intuito de “fazer o milagre” de sua ressurreição. Instruído divinamente, disse-lhes João com um acento terrível: “Que sua herança seja para sempre com os mortos...” Tentaram em vão reanimar o jovem: a vingança divina o tinha golpeado.

Bem diferente foi o ocorrido no povoado de Lach, na Morávia, distante

quatro dias de Viena, onde certa vez o Santo pregava. Um casal tivera a infelicidade de perder sua filha Catarina, encontrada depois de dois dias de busca afogada num poço. Ouvindo os rumores dos prodígios operados pelo taumaturgo, não hesitaram em emprender viagem, levando consigo o cadáver. Chegando junto ao homem de Deus, prosternaram-se aos seus pés implorando misericórdia. Bastou João tocá-la para a menina retomar a vida!

A infatigável ação apostólica deste verdadeiro “arauto da divina palavra” era tal que, “quando pregava e quando agia, todos imaginavam ver outro São Paulo”.<sup>8</sup> Entretanto, todo seu poder de palavra e atração, toda sua capacidade de unir, harmonizar e arrastar demonstrados ao longo dos anos pareciam ter-lhe sido concedidos pela Providência com vistas a um momento auge da História da Cristandade: o cerco de Belgrado.

### *“O espírito de nossos príncipes vacila”*

No início de 1455, os húngaros estavam decididos a assinar uma trégua com os otomanos que ameaça-

vam invadir a Europa. Sentiam-se abandonados pelo resto do continente e diante dessa grave situação o Legado Pontifício Enea Silvio Piccolomini, futuro Papa Pio II, escreve a São João: “O espírito de nossos príncipes vacila; nossos reis dormem, os povos fraquejam e a barca de Pedro, batida pelas ondas, está a ponto de ser submergida... Cedemos todos à tempestade. O fogo sagrado de vossa palavra é o único que pode nos animar e inflamar. Os chefes das nações estão tímidos e divididos; fazei-lhes ouvir vossa voz”.<sup>9</sup>

O pedido vinha ao encontro de uma visão profética, na qual Deus revelara a Capistrano que sua vida não seria coroada pelo martírio do sangue, mas sim pelo do trabalho e do sofrimento. Certo dia, “enquanto celebrava uma Missa e pedia luzes para conhecer de onde surgiriam novos Macabeus para a salvação da Europa, ouviu vozes misteriosas, bradando: ‘Na Hungria! Na Hungria!’ Essas mesmas vozes ressoariam também aos seus ouvidos enquanto pregava numa praça pública”.<sup>10</sup>

Em maio de 1455 partia para Budapeste, onde conseguiu atrair para



Reprodução

**Aquele bizarro exército depositava toda sua confiança no santo frade**

Batalha de Belgrado, por Joseph Brenner - Museu de História Militar, Belgrado

sua causa um dos mais valentes capitães da época: o *voivoda*<sup>11</sup> da Transilvânia, João Huniades.

### **Um bizarro exército o acompanha**

Tendo se espalhado a notícia de que uma formidável frota invasora se dirigia contra Belgrado, João de Capistrano partiu em sua defesa acompanhado por Huniades e por uma multidão de gente do povo: camponeses e lavradores, pobres e estudantes, monges e eremitas.

Um bizarro exército o cercava. Não possuíam cavalos, lanças ou couraças. “Um levava uma espada, outro a foice e o rastelo ou um pau coberto de ferro; mas em todos havia abnegação e desprezo da morte”.<sup>12</sup> Depositavam toda a sua confiança no santo frade, o qual os exortava à constância, à luta pela Fé e ao martírio: “Seja no avanço, seja na derrota, seja golpeando, seja golpeados, invocai o nome de Jesus; porque só n’Ele está a salvação”.<sup>13</sup>

Tendo João Huniades por cabeça e braço forte, e ao santo frade como coração e alma, a bizarra milícia conseguiu vencer uma primeira batalha no Danúbio, mas logo os otomanos se reagruparam e atacaram com redobrado esforço os muros da cidade de Belgrado.

A vista do imenso exército reunido pelo inimigo era tão esmagadora que o próprio Huniades teve um mo-

mento de vacilação: “Meu Pai, estamos vencidos... vamos infalivelmente sucumbir”.<sup>14</sup> Mas o capuchino, interrompendo-o, respondeu com voz indignada: “Não temais, ilustre Senhor; Deus é poderoso!”<sup>15</sup>

### **O inimigo foge do campo de batalha**

Na madrugada do dia 21 para 22 de julho de 1456, após renhidos combates, chegara o momento decisivo. Os cristãos, que até então defendiam a cidade com pedras e flechas, foram tomados por uma inspiração súbita: acumularam madeira e silvado, atearam-lhes fogo e lançaram magotes incandescentes sobre os assaltantes. Estes, cegados pela fumaça e queimados pelas chamas, recuaram espantados, fugindo e caindo nos fossos.

Então, ao comando de Capistrano, todos aclamaram o nome de Jesus e se precipitaram na direção das fileiras inimigas, enquanto o frade repetia seu brado de guerra: “Vitória! Jesus, vitória!” Ferido e vendo seu exército dispersado, o sultão fugiu do campo de batalha, deixando atrás de si vinte e quatro mil mortos, trezentos canhões e muitos despojos.

Pouco tempo depois São João adoece. Num sábado, 23 de outubro de 1456, em inteira serenidade, com os olhos fixos no céu, entrega sua alma ao Deus das vitórias aos setenta anos de idade. Séculos depois, já elevado à honra dos altares, a Igre-

ja o declararia patrono dos capelães militares.<sup>16</sup>

### **Santo da combatividade marial**

“Humanamente falando, que homem foi em seu século maior do que São João de Capistrano?”, perguntava-se Dr. Plínio Corrêa de Oliveira. E logo a seguir respondia: “Santo, orador, estadista, diplomata, General de uma Ordem Religiosa importantíssima, e por fim guerreiro, foi exímio em tudo. E o segredo de sua grandeza está precisamente na santidade, no auxílio da graça que lhe permitiu vencer os defeitos da sua natureza, e aproveitar admiravelmente todos os dons sobrenaturais e naturais que Deus lhe dera”.<sup>17</sup>

Santo da combatividade marial, João de Capistrano foi um excelente reflexo d’Aquela que é qualificada pela Escritura como “*terribilis ut castrorum acies ordinata*”<sup>18</sup> (Ct 6, 3). Trabalhando contra o relaxamento interno em sua Ordem, tornou-se dela reformador; enfrentando as heresias que assolavam a Igreja, fez-se teólogo e inquisidor; contra o perigo do Crescente invasor, intrépido lutador. Impugnando, por sua ardente palavra, os vícios da sociedade, foi como um novo Apóstolo. E, sobretudo, lutando contra si mesmo, venceu uma peleja superior a todas as outras: a Igreja hoje o reconhece como Santo, e os fiéis, junto a Maria, o honram por toda a eternidade! ✧

<sup>1</sup> KERVAL, Léon de. *Saint Jean de Capistran: son siècle et son influence*. Bordeaux-Paris: Chez les Sœurs Franciscaines; Chez Haton, 1887, p.7.

<sup>2</sup> Idem, p.10.

<sup>3</sup> ROHRBACHER, René François. *Vidas dos Santos*. São Paulo: Editora das Américas, 1959, v.XVIII, p.417.

<sup>4</sup> CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. A correção fra-

terna, uma opção ou um dever? In: *Arautos do Evangelho*. São Paulo. N.81 (set., 2008); p.11.

<sup>5</sup> KERVAL, op. cit., p.12.

<sup>6</sup> Idem, p.70.

<sup>7</sup> Idem, p.47.

<sup>8</sup> ROHRBACHER, op. cit., p.417.

<sup>9</sup> KERVAL, op. cit., p.133.

<sup>10</sup> Idem, p.134.

<sup>11</sup> Título recebido por quem governava a região da Transilvânia, uma das maiores do Reino da Hungria.

<sup>12</sup> Cf. WEISS, Juan Bautista. *Historia Universal*. Barcelona: La Educación, 1929, v.VIII, p.76.

<sup>13</sup> KERVAL, op. cit., p.138.

<sup>14</sup> Idem, p.139.

<sup>15</sup> Idem, ibidem.

<sup>16</sup> Cf. SÃO JOÃO PAULO II. *Servandus quidem*.

<sup>17</sup> CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Catolicismo e “carolice”: reflexões para a festa de São João de Capistrano. In: *Catolicismo*. Campos dos Goytacazes. Ano II. N.15 (mar., 1952); p.4.

<sup>18</sup> Do latim: “terrível como um exército em ordem de batalha”.

# A condição para confiar

A confiança é um celestial escudo contra todas as desventuras, um poderosíssimo gládio apontado contra os inimigos de nossa salvação, um perfeito e cristalino canto de amor a Deus. Como praticar tão excelsa virtude?



**Bruna Almeida Piva**



Tiago Küjger Galvão

**S**e perguntarmos num ambiente comum de nossos dias, composto por pessoas pouco versadas em Teologia, o que é confiança, sem dúvida receberemos as respostas mais diversas.

Alguns a descreverão como o ânimo em face das dificuldades; outros, como a força para não temer os sofrimentos; a maior parte, talvez, como a convicção de que, no fim, tudo dará certo... Contudo, embora em todas as definições anteriores haja algo de verdade, nenhuma delas caracteriza essa virtude de forma correta.

O que é, então, a confiança?

## **Filial dependência em relação ao Altíssimo**

Segundo uma expressão clássica, ela consiste na esperança fortalecida pela fé, o que, em certo sentido, coincide com a ideia de que no fim tudo dará certo. Há, entretanto, importantes diferenças entre ambos os conceitos.

Com sua habitual precisão, São Tomás de Aquino descreve a confiança como “uma esperança fortifi-

cada por uma opinião firme”.<sup>1</sup> Essa “esperança muito forte” é fruto de considerações que justificam “uma espécie de certeza”<sup>2</sup> de que obtaremos o desejado. Para criar a “opinião firme” e adquirir a “espécie de certeza” por ele indicadas devemos ter, portanto, algum motivo concreto. Não basta adotar certa atitude difusamente otimista diante da existência.

O termo confiança, explica ainda o Doutor Angélico, provém do vocábulo fé, e esta “parece significar, antes de mais nada, que alguém concebe esperança por acreditar na palavra daquele que promete socorro”.<sup>3</sup> Ou seja, confiamos sempre *em alguém*, no que ele diz ou no que ele é.

Em última análise, confiamos em Deus. E assim como ninguém, em são juízo, ousaria se abandonar aos cuidados de um desconhecido, por melhores que sejam as referências que dele se tenham, só poderá acreditar verdadeiramente no auxílio divino quem estabelecer uma estreitíssima e filial dependência em relação ao Altíssimo.

O convívio com Deus confere uma grande paz interior. Depositar nas mãos da Providência todas as suas necessidades e anseios traz para o homem o paraíso já nesta terra, pois nada poderá lhe faltar ou ameaçar.

“Terás confiança e ficarás cheio de esperança. Olhando em volta de ti, dormirás tranquilo. Repousarás sem que ninguém te inquiete e muitos acariciarão o teu rosto. Porém, os olhos dos maus serão consumidos, para eles, nenhum refúgio, e não terão outra esperança senão em seu último suspiro” (Jó 11, 18-20).

## **O exemplo de Santa Teresinha**

Exímio exemplo desse filial imbricamento nos foi dado pela grande Santa Teresinha do Menino Jesus, que se punha na presença do Altíssimo como uma criancinha diante de seu querido progenitor.

Conta-nos sua irmã Celina que ela “amou a Deus como um filho ama o seu pai, com provas incríveis de ternura. Aconteceu, ao falar d’Ele durante sua doença, tomar uma palavra por outra chamando-O: ‘Papai!’ Nós

nos pusemos a rir, mas ela retomou comovida: ‘Oh! Sim, Ele é meu bom ‘Papai’ e é-me bem doce dar-Lhe este nome’. Jesus era tudo para o seu coração”.<sup>4</sup>

Os extremos de pueril carinho para com Jesus alcançados por esta alma predileta podem ser contemplados através de singelos gestos de devoção, como este narrado Celina:

“Durante sua doença, cometi uma imperfeição e como me arrependi muito, disse-me:

— Agora beijai vosso crucifixo.

Eu o beijei nos pés.

— É aí que um filho beija seu pai?

Depressa, depressa, beija-Lhe o rosto!

Eu O beijei.

— E agora deixai-vos beijar por Ele.

Foi preciso que eu colocasse o crucifixo sobre minha face, então ela me disse:

— Está bem, desta vez tudo está esquecido!”<sup>5</sup>

### *Pensa-se naturalmente em quem se ama*

A irmã de Santa Teresinha mostra-nos também como ela, sem deixar os seus afazeres práticos, tinha a mente continuamente posta em seu Bem-Amado:

“A união de Ir. Teresa com Deus era simples e natural, bem como sua maneira de falar d’Ele. Perguntando-lhe se perdia às vezes a presença de Deus, respondeu-me mui simplesmente: ‘Oh, não! Creio que nunca fiquei três minutos sem pensar em Deus’. Mostrei-me admirada por ser possível uma tal aplicação. ‘Pensa-se naturalmente em quem se ama’, replicou”.<sup>6</sup>

Diz o *Catecismo* que “a oração é a elevação da alma a Deus”.<sup>7</sup> Rezar não consiste, portanto, na mera repetição de Pai-Nossos ou Ave-Marias, mas em algo muito mais elevado. É preciso aprender a viver em função do Pai Celeste, procurando se rela-

cionar com Ele através de uma conversa contínua e ininterrupta.

Mais uma vez, Celina nos apresenta um exemplo desse singular espírito de oração que transcende as obrigações terrenas:

“Um dia entrei na cela de nossa querida irmãzinha e fiquei impressionada com sua expressão de grande recolhimento. Costurava ativamente, entretanto parecia absorvida numa contemplação profunda: ‘Em que pensais?’, perguntei-lhe.

— Eu medito o Pai-Nosso, respondeu-me. É tão doce chamar a Deus nosso Pai...



Santa Teresinha do Menino Jesus - Carmelo de Lisieux; na página anterior, Nossa Senhora da Confiança - Pontifício Seminário Romano Maior, Roma

*É preciso viver em função do Pai Celeste, procurando se relacionar com Ele através de uma conversa contínua e ininterrupta*

E as lágrimas brilharam em seus olhos”.<sup>8</sup>

As coisas deste mundo, considerava-as em segundo plano, porque vivia com a mente posta exclusivamente em Deus, e esse angelical convívio fazia as delícias de seu coração. Suas palavras, “pensa-se naturalmente em quem se ama”, provam o quanto é natural à alma confiante o amor ao Pai, o espírito de oração e a serenidade.

### *O mau temor das próprias faltas*

Nem todos, entretanto, são capazes desse filial abandono. Muitos há que consideram impossível possuir este gênero de relacionamento com o Altíssimo por sentirem em si o peso dos próprios pecados.

“Parece-lhes que um Deus tão puro deveria sentir invencível repulsa ao inclinar-Se para elas. Impressão inconveniente, que lhes dá à vida interior uma postura contrafeita, a qual, por vezes, chega a paralisá-las por completo. Como se enganam essas almas!”<sup>9</sup>

A fim de afugentar de suas irmãs do Carmelo semelhantes pensamentos, Santa Teresinha contava uma inocente historietta que a tocou de modo especial quando a leu em sua infância:

“Um rei, tendo partido para a caça, perseguia um coelho branco que seus cães estavam prestes a atingir. O coelhinho, sentindo-se perdido, deu uma viravolta e rapidamente saltou nos braços do caçador. Este, tocado por tanta confiança, não mais quis separar-se do coelho branco, não permitindo que o tocassem, reservando-se o cuidado de alimentá-lo”.<sup>10</sup>

E, sobre esse episódio, comentava: “Assim fará Deus conosco [...] se, perseguidos pela justiça, figurada pelos cães, procurarmos refúgio nos braços de nosso Juiz...”<sup>11</sup>

Se cometemos muitas faltas, devemos correr ao encontro do Senhor

a fim de que Ele nos cure e santifique, pois “se, quando éramos ainda inimigos, fomos reconciliados com Deus pela Morte de seu Filho, com muito mais razão, estando já reconciliados, seremos salvos por sua vida”! (Rm 5, 10).

Mesmo quando o peso de nossas culpas nos oprima, precisamos ter uma confiança cristalina, a “santa obstinação” de que, nos arrependendo, seremos sempre recebidos por Nosso Senhor com um afeto transbordante. Ele está pronto não só a nos perdoar, mas a transformar o lodo de nossas almas em límpido oceano de virtude.

“A fraqueza é grande, mas Ele vos ajudará. Apesar de vossa boa vontade, tereis talvez quedas e reincidências, mas o Senhor é misericordioso. Ele pede apenas que não vos deixes adormecer no pecado, que luteis contra os maus hábitos”.<sup>12</sup>

O mais poderoso argumento contra esse temor, tão maléfico às nossas almas, o encontramos nas próprias palavras de Cristo. Ele, que veio à terra para salvar os pecadores (cf. Mc 2, 17; Lc 5, 32), bradou “Não temas!” a São Pedro, após ouvi-lo dizer: “Afastai-Vos de mim, Senhor, porque sou um pecador!” (Lc 5, 8-10).

*A confiança de Santa Gertrudes “fazia tal violência ao Divino Coração, que Ele era forçado a favorecê-la em tudo”*

#### ***A confiança não afasta dos sofrimentos***

Um verdadeiro paraíso interior é introduzido pela confiança no coração de quem a pratica. Contudo, essa virtude não põe fim aos períodos de aridez espiritual, nem às tentações, e muito menos aos sofrimentos físicos ou morais que costumam nos assaltar nesta vida. Tais revezes fazem parte do estado de prova e nos são enviados para fortalecer nossas almas e levá-las a dar mais glória a Deus. A confiança não nos afasta dos sofrimentos; apenas nos ajuda a aceitá-los e atravessá-los sem perder a paz interior.

Além do mais, ela exige esforço e árduo combate contra o nosso

orgulho e más inclinações porque, por incrível que pareça, é mais fácil ao homem confiar nas próprias forças do que em Deus, acreditar nos auxílios terrenos do que nos socorros celestes.

Sobre isso, mais uma vez nos dá o exemplo a virginal heroína do Carmelo de Lisieux pois, “embora caminhasse nessa via de confiança cega e total que chama ‘sua pequena via’ ou ‘via da infância espiritual’, nunca negligenciou a cooperação pessoal. Dava-lhe mesmo tal importância que encheu sua vida de atos generosos e contínuos. É assim que ela entendia e no-lo ensinava constantemente no noviciado”.<sup>13</sup>

#### ***É preciso dar de si sem medida***

Certo dia, comentando com Celine uma passagem do Eclesiástico, Santa Teresinha explicou-lhe com energia que o abandono e a confiança em Deus alimentam-se de sacrifícios.

“É preciso, disse-me, fazer tudo o que está em seu poder, dar sem medida, renunciar-se constantemente, numa palavra, provar seu amor, por todas as boas obras a seu alcance. Mas na verdade, como tudo isso é pouca coisa... e quando tivermos



## **APOSTOLADO DO ORATÓRIO MARIA RAINHA DOS CORAÇÕES**

**RECEBA O ORATÓRIO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA EM SUA CASA, UM DIA POR MÊS. SEJA TAMBÉM UM COORDENADOR DESTA APOSTOLADO E ORGANIZE A SUA PEREGRINAÇÃO PELAS CASAS DA SUA VIZINHANÇA. É MUITO FÁCIL.**

ENTRE EM CONTACTO CONNOSCO POR:

TEL.: 212 389 596 - FAX.: 212 362 299

AV. DE BERNA, N.º 30 - 2.º E 1050-042 - LISBOA

E-MAIL: [oratorio@arautos.pt](mailto:oratorio@arautos.pt)

feito tudo quanto cremos dever fazer, é necessário confessar que somos ‘servos inúteis’ (Lc 17, 10), esperando, entretanto, que Deus nos dê de graça tudo o que desejamos. Eis a esperança de todas as pequenas almas que ‘correm’ na via da infância: digo ‘correm’ e não ‘repousam’”.<sup>14</sup>

Assim pensava também Santo Inácio de Loyola: “Nas empresas difíceis, é preciso se abandonar nas mãos de Deus com uma confiança perfeita, como se esperássemos nos vir o êxito miraculosamente do Alto; mas é preciso agir em tudo como se o bom termo dessa empresa dependesse exclusivamente dos nossos esforços”.<sup>15</sup>

Quem deseja alcançar a santidade não economiza energias no combate a seus defeitos e más inclinações, mas sabe que um dom tão sublime só pode ser alcançado pela misericórdia infinita de Deus, e Ele, sem dúvida, não deixará de concedê-lo.

### **Celestial escudo contra as desventuras**

Para os confiantes, Deus reserva o inimaginável.

Foi através dessa virtude que muitos Santos “roubaram” de Deus o Céu. O primeiro em fazê-lo foi o bom ladrão que, tendo sido justamente condenado pelos homens, não duvidou em pedir e obter o perdão de Deus: “Hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23, 43).

A confiança de Santa Gertrudes “fazia tal violência ao Divino Coração, que Ele era forçado a favorecê-



Santo Inácio de Loyola - Santuário de Loyola, Azpeitia (Espanha)

Hugo Grados Killeka

*Um dom tão alto só pode ser alcançado pela misericórdia infinita de Deus e Ele, não deixará sem dúvida de concedê-lo*

-la em tudo”.<sup>16</sup> E Santa Catarina de Siena de tal forma tinha certeza de ser atendida, que assim rezava: “Senhor, não me afastarei de junto dos vossos pés, da vossa presença, enquanto vossa bondade não me tiver concedido o que desejo”.<sup>17</sup>

Portanto, podemos concluir que a confiança é como um celestial escudo contra todas as desventuras, um poderosíssimo gládio apontado contra os inimigos de nossa salvação, um perfeito e cristalino canto de amor a Deus.

Praticando essa virtude, conquistaremos a tranquilidade interior. Tendo sido confortados por ela, poderemos proclamar com o Rei Davi: “O Senhor é meu rochedo, minha fortaleza e meu libertador. Meu Deus é minha rocha onde encontro o meu abrigo. Meu escudo e força de minha salvação, minha cidadela e meu refúgio. Meu salvador que me salva da violência! Invoco o Senhor que é digno de todo o louvor e fico livre dos meus inimigos” (cf. II Sm 22, 2-4).

Por fim, cabe-nos recordar outra verdade, capaz de revestir de elevados méritos o menor de nossos atos de virtude: somente por meio da Santíssima Virgem, a Mãe da Confiança, nosso abandono em Deus será completo. As angústias e inquietações jamais devem nos abater pois, enquanto filhos, temos o direito de esperar o impossível d’Aquela que é Mãe de Misericórdia, nossa vida, doçura e esperança. ✧

<sup>1</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.129, a.6, ad 3.

<sup>2</sup> Idem, a.6.

<sup>3</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>4</sup> SANTA TERESA DE LISIEUX. *Conselhos e lembranças*. 7.ed. São Paulo: Paulus, 1984, p.75.

<sup>5</sup> Idem, p.48.

<sup>6</sup> Idem, p.72.

<sup>7</sup> CCE 2559.

<sup>8</sup> SANTA TERESA DE LISIEUX, op. cit., p.74.

<sup>9</sup> SAINT-LAURENT, Thomas de. *O livro da confiança*. São Paulo: Retornarei, 2019, p.16.

<sup>10</sup> SANTA TERESA DE LISIEUX, op. cit., p.52.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>12</sup> SAINT-LAURENT, op. cit., p.66.

<sup>13</sup> SANTA TERESA DE LISIEUX, op. cit., p.50.

<sup>14</sup> Idem, p.51.

<sup>15</sup> BOUHUORS, Dominique (Ed.). *Les maximes de Saint Ignace, fondateur de la compagnie de Jésus, avec les senti-*

*men de S. François Xavier, de la même Compagnie*. Paris: Sebastien Marbre-Camoisy, 1683, p.61.

<sup>16</sup> SAINT-LAURENT, op. cit., p.92.

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*.

# As crianças tinham razão!

O milagre do sol é uma prova contundente da autenticidade das aparições de Fátima. O fato de ter sido presenciado por dezenas de milhares de pessoas em lugares diversos exclui qualquer tentativa de atribuí-lo a mera sugestão.



Pe. Fernando Néstor Gioia Otero, EP

**O** Cônego Manuel Nunes Formigão, primeiro eclesiástico a investigar os fatos ocorridos em Fátima no ano de 1917, interrogou numerosas pessoas bem-conceituadas da região sobre a possibilidade de esses acontecimentos serem uma farsa, fruto da imaginação dos juvenis videntes. E todas as respostas, com pequenas variações, foram categóricas.

No mesmo sentido, o *Relatório da Comissão Canônica Diocesana sobre os acontecimentos de Fátima* atesta: “Não se pode duvidar da sinceridade das crianças. Como podiam desempenhar uma comédia três crianças simples e ignorantes, uma de dez anos de idade, outra de nove e outra de seis?”<sup>1</sup>

## “Em outubro farei o milagre”

Entretanto, Lúcia sentia a necessidade de proporcionar para os seus conterrâneos uma prova irrefutável da veracidade das aparições. Por isso, no dia 13 de julho de 1917, suplicou à bela Senhora: “Querida para nos dizer quem é; e para fazer um milagre com que todos acreditem que Vossemecê nos aparece”.<sup>2</sup> E a celestial Dama respondeu-lhe: “Continuem a vir aqui todos os meses. Em outubro direi quem sou, o que quero e farei um

milagre que todos hão de ver, para acreditar”.

No mês seguinte, face aos insistentes pedidos de Lúcia, a Virgem repetiu sua promessa: “No último mês farei o milagre, para que todos acreditem”. E na quinta aparição Nossa Senhora reafirmou-a usando quase as mesmas palavras.

## “Não ofendam mais a Nossa Senhora”

Chegou por fim o dia esperado. Naquela fria manhã de outono uma chuva persistente transformara num lodaçal o vasto terreno da Cova da Iria, onde se comprimia uma multidão calculada entre cinquenta e setenta mil pessoas provenientes de todos os rincões de Portugal.

Levada por um movimento interior, Ir. Lúcia pediu que todos fechassem os guarda-chuvas e rezassem o Terço. Pouco depois, os três pastorinhos viram sobre a carrasqueira a Virgem Santíssima.

À costumeira pergunta de Lúcia: “Que é que Vossemecê me quer?”, respondeu Ela: “Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem sempre a rezar o Terço todos os dias”.

Transmitiu-Lhe Lúcia pedidos para curar alguns enfermos e con-

verter alguns pecadores. “Uns, sim; outros, não. É preciso que se emendem, que peçam perdão de seus pecados”, respondeu a Senhora. E acrescentou: “Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido”.

## Opera-se o milagre anunciado

Em seguida, a Virgem elevou-Se ao Céu e desapareceu da vista dos pastorinhos, numa luz que Ela mesma irradiava.

Sucederam-se então novas visões, começando por três quadros que simbolizavam os Mistérios Gozosos, Dolorosos e Gloriosos do Rosário. Junto ao sol apareceu a Sagrada Família: São José, com o Menino Jesus nos braços, e Nossa Senhora do Rosário. Depois, viram o Divino Redentor transido de sofrimentos, acompanhado por Nossa Senhora das Dores. Por fim apareceu-lhes Nossa Senhora do Carmo, coroada como Rainha do Universo e tendo ao colo o Menino Jesus.

Enquanto as três crianças contemplavam as celestiais personagens, operou-se ante a multidão o milagre anunciado. “Olhem para o sol!”<sup>3</sup> gritara Lúcia, no final de seu colóquio com Nossa Senhora. Naquele instante, entreabriram-se as nuvens e surgiu o sol como um imenso disco de



Uma das fotografias tiradas durante o milagre e publicadas pela imprensa

prata. Fato notável: todos podiam fitá-lo sem ferir a vista. Subitamente, pôs-se ele a “bailar”, girando com assombrosa celeridade como uma roda de fogo; em seguida, tremeu espantosamente e, num descomunal zigzag, precipitou-se sobre a multidão.

Um imenso grito escapou do povo ali reunido. Todos caíram de joelhos na lama, julgando que seriam consumidos pelo fogo. Muitos rezavam em voz alta o ato de contrição. Logo depois, porém, o sol foi se elevando pouco a pouco, até retornar ao ponto do horizonte de onde havia descido. Já não se podia fixar nele os olhos.

### Testemunhos insuspeitos

O fato de quase setenta mil pessoas terem presenciado o milagre, algumas das quais localizadas a quarenta quilômetros da Cova da Iria, torna inválida qualquer tentativa de atribuí-lo a uma sugestão coletiva.

Entretanto, pode-se considerar que o mais valioso testemunho sobre o milagre do sol tenha sido um artigo publicado dois dias após o evento no grande diário anticlerical português *O Século*. Seu editor chefe, Avelino de Almeida, nada tinha de católico; nesse mesmo dia 13, havia ele escrito um artigo irônico zombando das manifestações de religiosidade no local das aparições.

Esse cético que foi à Cova da Iria apenas por dever profissional assim descreveu o fenômeno do qual foi testemunha ocular: “E, quando já não imaginava que via alguma coisa mais impressionante do que essa rumorosa mas pacífica multidão animada pela mesma obsessiva ideia e movida pelo mesmo poderoso anseio, que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima? A chuva, à hora prenunciada, deixar de cair; a densa massa de nuvens romper-se e o astro rei – disco de prata fosca – em pleno zênite apa-

recer e começar dançando num bailado violento e convulso, que grande número de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes cores revestiu sucessivamente a superfície solar”.<sup>4</sup>

Ao encontro desse testemunho vem outro de um dos mais ilustres eruditos dentre os que lá se encontravam, professor na Faculdade de Ciências de Coimbra: “Maravilhoso é que, durante longo tempo, se pudesse fixar o astro labareda de luz e brasa de calor, sem uma dor nos olhos e sem um deslumbramento na retina, que cegasse. [...] Este disco nacarado tinha a vertigem do movimento. Não era a cintilação de um astro em plena vida. Girava sobre si mesmo numa velocidade arrebatada”.<sup>5</sup>

### “Voltarei uma sétima vez”

Terminados os prodígios, que duraram cerca de dez minutos, todos se entreolharam perturbados, mas logo houve uma explosão de alegria: “Milagre! As crianças tinham razão!”<sup>6</sup> Gritos de entusiasmo retumbavam nas colinas adjacentes; muitas pessoas notaram que suas roupas, empapadas pela chuva que caíra durante todo o tempo que precedera o sinal de Nossa Senhora, secaram-se completamente. Estava encerrado o ciclo das seis aparições de Fátima.

Encerrado... pelo momento, pois as palavras pronunciadas por Nossa Senhora na primeira aparição, em 13 de maio, deixam uma misteriosa interrogação ainda sem ser resolvida: “Voltarei ainda aqui uma sétima vez”.<sup>7</sup> ✧

<sup>1</sup> DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA. Doc. 120, 1930-04-13. Relatório da Comissão Canônica Diocesana sobre os acontecimentos de Fátima. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p.431.

<sup>2</sup> IRMÃ LÚCIA. *Memórias I*. Quarta Memória, c.II, n.5.

13.ed. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2007, p.176. As próximas frases do diálogo da Ir. Lúcia com Nossa Senhora, citadas entre aspas neste artigo, foram tiradas da mesma obra.

<sup>3</sup> CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Por fim, o meu*

*Imaculado Coração triunfará!* São Paulo: Lumen Sapientiae, 2017, p.77.

<sup>4</sup> ALMEIDA, Avelino de. O milagre de Fátima. In: *Ilustração Portuguesa*. Lisboa. Série II. N.610 (29 out., 1917); p.356.

<sup>5</sup> VISCONDE DE MONTELELO. *Os episódios maravilhosos de Fátima*. Guarda: Veritas, 1921, p.23.

<sup>6</sup> CLÁ DIAS, op. cit., p.80.

<sup>7</sup> IRMÃ LÚCIA, op. cit., n.3, p.173.



## Belém: tricentenário da Arquidiocese

**T**endo sido criada em 1719, a Arquidiocese de Belém está cumprindo três séculos de existência. Por esse motivo, o dia da Padroeira, Santa Maria de Belém, foi comemorado na cidade com numerosas atividades religiosas e culturais, em várias das quais participou um jovem conjunto musical dos Arautos do Evangelho.

No sábado 31 de agosto, eles realizaram uma apresentação musical em honra à Padroeira no Theatro da Paz. O evento foi presidido pelo Arcebispo Metropolitano,

Dom Alberto Taveira Corrêa (foto acima). Terminado o concerto, a imagem foi conduzida até a Catedral Metropolitana (foto 1), onde houve Missa presidida por Dom Antônio de Assis Ribeiro, Bispo Auxiliar (fotos 2 e 3).

A Missa do domingo, dia da solenidade (foto 4), foi presidida pelo Arcebispo, Dom Alberto Taveira Corrêa (foto 5). Depois da Celebração Eucarística, a imagem percorreu em procissão as ruas anexas à Catedral Metropolitana, sendo acompanhada pelos arautos (foto 6). ✧





## Homenagem à Rainha e Mãe do Brasil

Nos dias 9 e 10 de agosto, grupos do Apostolado do Oratório provenientes de todo o Brasil realizaram sua peregrinação anual ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. A tradicional romaria contou neste ano com a presença de cerca de 9 mil participantes desse Apostolado, desejosos de agradecer as abundantes graças recebidas através de sua maternal intercessão. Como apontou o coordenador geral da peregrinação, Pe. Antonio Guerra, o Brasil necessita de orações, e o local mais indicado para fazê-las é aos pés da Padroeira, Rainha e Mãe do Brasil.

Na sexta-feira, dia 9, os peregrinos participaram da Santa Missa celebrada na basílica antiga por Dom Orlando Brandes, Arcebispo Metropolitano de Aparecida (foto 1).

Seguiu-se a procissão luminosa que partiu da Basílica Velha e atravessou a passarela da Fé (foto 2), em direção ao Santuário Nacional. Ao longo do percurso, os fiéis cantaram hinos de louvor a Nossa Senhora.

O programa do sábado teve início com o tradicional terço meditado na esplanada São João Paulo II, após o qual a imagem da Padroeira foi solenemente coroada e conduzida em procissão ao interior da Basílica Nacional (foto 3). Coube a Dom Benedito Beni dos Santos (foto 4), administrador diocesano de Lorena (SP), presidir a Missa de encerramento (foto 5), que foi concelebrada pelos sacerdotes diocesanos e dos Arautos do Evangelho que acompanhavam as diversas peregrinações. ✧





Fotos: Paul E. Ekpe

**Camarões** – Por iniciativa do Sr. Paul Ede Ekpe, cooperador dos Arautos, um oratório de “Maria Rainha dos Corações” chegou à diocese de Yagoua para peregrinar entre as famílias da área rural. Ao recebê-lo, os fiéis resolveram conduzi-lo em procissão pelo campo, pedindo a intercessão de Nossa Senhora para fazer cessar o período de seca. À tarde, uma chuva abundante refrescou os campos, inundando de gratidão o coração dos fiéis.



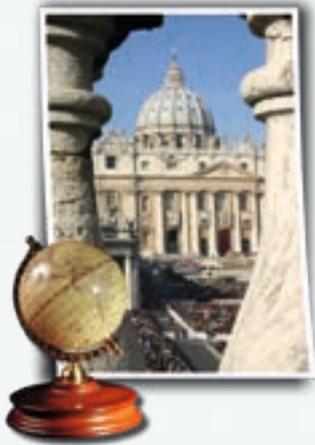
Fotos: Nuno Moura

**Portugal** – Na festa da Natividade de Nossa Senhora, o Colégio Arautos do Evangelho, em Guimarães, congregou alunos, familiares, professores e funcionários para a Eucaristia que marcou o início de mais um ano letivo (à esquerda). Em Palmela, Diocese de Setúbal, terciários reuniram-se para uma reunião de formação e para refletir sobre as próximas ações missionárias.



Fotos: Ariane Silva

**Brasil** – A Missa da Solenidade de São Pedro e São Paulo na Catedral de Brasília, foi presidida pelo Núncio Apostólico, Dom Giovanni d’Aniello (esquerda). No fim, as irmãs do setor feminino dos Arautos cumprimentaram os concelebrantes, entre os quais o Arcebispo Metropolitano, Dom Sérgio da Rocha (direita).



## ACONTECEU NA IGREJA E NO MUNDO.....

### **Devolução de simbólica Cruz ao Japão**

No dia 7 de agosto, uma simbólica Cruz pertencente à Catedral de Urakami, Nagasaki, retornou ao Japão, onde foi recebida pelo atual Arcebispo, Dom Joseph Mitsuaki Takami, PSS. Ela fora retirada das ruínas do templo por um *marine* depois do devastador bombardeio de agosto de 1945, e levada para os Estados Unidos com autorização de Dom Paul Aijirô Yamaguchi, à época Bispo Diocesano. Desde 1982, estava depositada no Peace Resource Center do Wilmington's College, no Estado norte-americano de Ohio.

### **Fiéis resgatam Santíssimo Sacramento nos Estados Unidos**

No dia 31 de julho, um devastador incêndio atingiu a Igreja da Visitação em Westphalia, no Estado

norte-americano do Texas. Tratava-se de um monumento histórico construído em inícios do século XX. Apesar de a igreja ter sido completamente destruída em trinta minutos, isso não impediu que os paroquianos chegassem a tempo para resgatar o Santíssimo Sacramento. As causas do ocorrido estão sendo investigadas.

### **Arquidiocese argentina se consagra ao Imaculado Coração de Maria**

Durante uma Eucaristia celebrada pelo Arcebispo Metropolitano, Dom Eduardo Eliseo Martín, a Arquidiocese de Rosário foi consagrada ao Imaculado Coração de Maria, no dia 30 de julho. O ato culminou com a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima a essa circunscrição eclesial.



### **Ordenações presbiterais na Indonésia**

A agência *AsiaNews* noticiou a ordenação de quinze novos pres-

bíteros e um diácono no mês de agosto na Indonésia. Dez sacerdotes membros da Congregação do Sagrado Coração de Jesus e o diácono receberam o Sacramento da Ordem na Paróquia São José, em Pringsewu, ilha de Sumatra, pelas mãos do Bispo de Tanjungkarang, Mons. Yohanes Harun Yuwono. Mais de duzentos sacerdotes e milhares de fiéis participaram da cerimônia. Os outros cinco presbíteros, três diocesanos e dois salesianos, foram ordenados em Jacarta por Dom Ignatius Suharyo Hardjoatmodjo, Arcebispo Metropolitano.

### **Encontro de coroinhas na Arquidiocese de Florianópolis**

Mais de quatro mil coroinhas se reuniram no dia 3 de agosto na cidade de Governador Celso Ramos, Arquidiocese de Florianópolis. O encontro foi promovido para iniciar o mês vocacional de 2019 e comemorar o 20º aniversário da Pastoral dos Coroinhas. A Santa Missa foi celebrada por Dom Wilson Tadeu Jönck, Arcebispo Metropolitano.

### **Descoberta arqueológica confirma Livro dos Reis**

Uma equipe de arqueólogos da Universidade da Carolina do Norte

**GAUDIUM PRESS**  
A primeira agência de notícias católicas do Brasil

• Portuguese • Spanish • English

• Notícias • Opinião • Vídeos • Imagens

Notícias do Brasil e do mundo

Faça sua assinatura gratuitamente em **gaudiumpress.org**

30 dias com o Papa  
Mundo  
Opinião  
Roma  
Espiritualidade

Registre o nosso número +55 11 988051031  
ENVIE UMA MENSAGEM E RECEBA NOTÍCIAS

informou a comunidade acadêmica sobre uma descoberta que confirma o relato bíblico da conquista babilônica de Jerusalém, contido no capítulo 25 do Segundo Livro dos Reis. Nele se descreve o incêndio que assolou a cidade, incluindo o Templo construído pelo Rei Salomão, e

como o Rei Sedecias foi levado preso à Babilônia por Nabucodonosor. Também o profeta Jeremias havia predito a queda da Judeia nas mãos de um rei babilônico.

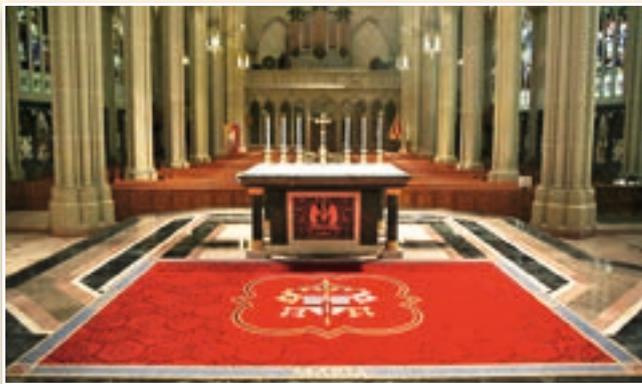
A descoberta no Monte Sião de objetos como lâmpadas, um pingente de ouro e prata e pontas de flechas, todos

datados do ano 587 a.C., junto a madeira queimada e cinzas confirma esse relato. Conforme explicou Shimon Gibson, um dos investigadores, analisados em conjunto tais dados evidenciam o assédio babilônico, inclusive porque as setas ali encontradas, feitas de bronze e ferro, eram próprias a esse povo.

## Tapetes embelezam catedral norte-americana

A Diocese de Covington, no Estado americano de Kentucky, revestiu com três belos tapetes o altar-mor da sua catedral e a capela do Santíssimo Sacramento. Eles foram elaborados com lã da Nova Zelândia, por uma conhecida firma norte-americana especializada em ornamentos litúrgicos.

Dedicada a Nossa Senhora da Assunção, a Catedral de Covington foi construída em estilo neogótico entre os anos 1894 e 1915. Impressiona, entre outros motivos, pela beleza de sua decoração interior e pelos vitrais que recobrem a maior parte das paredes.



Um dos tapetes instalados no altar mor

Jordan Hainsey / newliturgicalmovement.org

## Homenagem ao Piloto Pardo

No último dia 30 de agosto, membros da Armada Chilena comemoraram, na Base Naval Antártica Arturo Prat, o 103º aniversário da façanha do piloto Luis Pardo Villalón que, ao comando do navio *Yelcho*, partiu de Punta Arenas em direção à Ilha Elephant

para resgatar a tripulação do *Endurance*, o qual havia naufragado durante uma expedição britânica à Antártida.

A empresa estava cheia de perigos, por causa do clima e da extrema violência do mar ao sul do Cabo Horn. Tendo zarpado em 25 de agosto de 1916, ele demorou cinco dias para percorrer os mais de mil quilômetros que o separavam de seu destino e, ao chegar à Ilha Elephant, teve apenas duas horas para resgatar os vinte e dois sobreviventes, devido às inclemências do tempo.

Para comemorar a gesta do Piloto Pardo, a cidade de Punta Arenas está erigindo um monumento em sua honra no Passeio Marítimo. A primeira pedra foi lançada no dia 15 de julho, e se espera que a obra termine no ano 2020.



Reprodução

O Piloto Pardo, Sir Ernest Shackleton e a tripulação do “Endurance” após o resgate

## Vietnamitas peregrinam a La Vang

Oitenta mil fiéis se reuniram no dia 15 de agosto no Santuário vietnamita de Nossa Senhora de La Vang para celebrar a Solenidade da Assunção. A Eucaristia foi presidida pelo Arcebispo de Hue, Dom Joseph Nguyễn Chí Linh, que na sua homília expressou o ambicioso desejo de atrair duzentos mil peregrinos para a celebração do ano de 2020.

O primeiro Santuário de La Vang, construído no local em que a Santíssima Virgem Maria apareceu a um grupo de católicos fugitivos, data do ano 1798. Em 1972, durante a guerra civil, o templo foi completamente arrasado. A inauguração da atual

estrutura, ainda incompleta, ocorreu em 1998, em comemoração pelo segundo centenário das aparições.



Alguns aspectos da Missa celebrada no Santuário de Nossa Senhora de La Vang na Solenidade da Assunção, da qual participaram 80 mil fiéis

Fotos: asiaews.it

## “Caminhada com Maria” em Fortaleza

Uma impressionante multidão, composta por mais de dois milhões de fiéis, comemorou a Solenidade da Assunção de Nossa Senhora na capital do Ceará percorrendo os 12,5 quilômetros que separam o Santuário de Nossa Senhora da Assunção, no Bairro Vila Velha, da catedral metropolitana. Trata-se da 17ª edição de uma iniciativa intitulada *Caminhada com Maria*, que teve início em 2003, para comemorar o jubileu da Diocese de Fortaleza.

A procissão começou às quatorze horas. Durante o percurso, a imagem foi conduzida por membros da Polícia Rodoviária Federal e do Exército Brasileiro. Mais de mil voluntários auxiliaram na realização do evento.



filhosdeus.blog.br

# À conquista do milagre

A trilha abriu-se em dois braços. A via do lado direito era estreita, escura e cheia de mato alto; a da esquerda estava bem iluminada e beirada de belas flores coloridas. Qual delas seria melhor escolher?

**Ir. Joana Luiza Ribeiro Remígio Rezende, EP**



**O**s jovens escudeiros cercavam Pedro enquanto ele, retesando o arco, apontava cuidadosamente para uma longínqua maçã. A seguir escutou-se um assobio, um golpe seco e fortes gritos de alegria.

— Muito boa mira, Pedro! Você já está pronto para acompanhar Sua Majestade nas batalhas!

Atraído pelo alvoroço, um nobre cavaleiro de longas barbas brancas aproximou-se dos rapazes. Seu olhar era sério e profundo, sinal das duras lutas enfrentadas durante a vida.

— Futuros combatentes de meu senhor – disse o ancião militar –, venho trazer-vos uma triste notícia. A partir de hoje, vós não podereis mais ver o vosso rei e menos ainda acompanhá-lo nas guerras, pois os médicos do reino comprovaram que ele contraiu lepra.

— E não haverá algum meio de curá-lo? – perguntou Pedro, muito consternado.

— Só um milagre poderia salvá-lo. E há mais de trinta e cinco anos não acontece nenhum em nosso reino...

Os jovens se entreolharam confusos, até que João retrucou:

— Senhor, para que haja um milagre basta recorrer com fé aos Céus!

— Pensais ser simples assim? – prosseguiu o velho guerreiro – Em parte, tendes razão; contudo, o caminho do milagre costuma estar cheio de obstáculos quase intransponíveis! E isso, jovens cavaleiros, inclusive fisicamente! Ou acaso não sabeis que há mais de três décadas os inimigos do reino roubaram nosso maior tesouro? Nunca escutastes nada a respeito da imagem da Rainha dos Anjos, da qual emanava um bálsamo miraculoso? Ele, com certeza, curaria Sua Majestade, mas...

— Senhor – interrompeu Guilherme, um dos escudeiros mais atirados –, não é possível continuarmos de braços cruzados! Se Nossa Senhora permitiu essa separação, não terá sido para darmos prova de nosso amor por Ela? Não devemos estar dispostos a derramar nosso próprio sangue a fim de resgatá-La?

Os jovens acrescentavam argumento após argumento propondo uma arriscada expedição, mas o nobre de barbas longas não se deixava convencer. Guerreiros fortes e experientados já haviam tentado recu-

perar a imagem ao longo dos anos, e morreram no intento. Sem dúvida, não seriam aqueles pequenos escudeiros que teriam êxito na complicada empresa!

— Mas... – disse Pedro – desta vez é a vida de nosso rei que está em jogo. Se a imagem se encontrasse aqui, poderíamos utilizar o milagroso bálsamo para curá-lo.

Ao ver soprar naqueles jovens corações os ventos da coragem, o nobre cavaleiro, tomado de emoção, acabou por abençoar a arriscada façanha.

Na manhã seguinte, puseram-se a caminho. Chegados ao pé da alta e perigosa montanha onde se encontrava a imagem, começaram a subir. Tudo estava tranquilo e do inimigo não havia nem a sombra; entretanto, a cada passo o percurso tornava-se mais árduo e todos sentiam mais o peso da marcha, que parecia não levar a lugar algum.

Em determinado momento, a trilha abriu-se em dois braços. A via do lado direito era estreita, escura e sombria, cheia de mato alto e fechado que impedia discernir o caminho; a da esquerda, pelo contrário, estava iluminada, beirada de belas flores



**Os inimigos fugiram e um desses cavaleiros desceu do cume da montanha, trazendo em suas mãos a imagem da Santíssima Virgem!**

coloridas e com o traçado muito bem definido.

Pedro e outros três companheiros se decidiram pelo lado direito, pois temiam que tantas facilidades ocultassem uma emboscada dos inimigos. Os demais, entretanto, optaram seguir pela esquerda, achando a outra via muito dura e difícil. Afinal de contas, as duas deviam conduzir ao topo, e seria uma loucura perder tempo enfrentando obstáculos desnecessários.

Cada grupo prosseguiu segundo sua escolha. Os que se adentraram na formosa estrada das flores logo se depararam com um esquadrão inimigo, que os massacrou sem piedade. Caíram na armadilha preparada para atrair os medrosos, que fogem do sofrimento.

Pedro e seus amigos, por sua vez, avançavam com dificuldade contornando paredes e precipícios. Em certo momento, uma grande rocha se desprende do alto da montanha e veio em direção a eles. Os jovens gritaram por sua Mãe e Rainha e correram o quanto puderam. A pedra rolou ruidosamente sem atingi-los...

Pouco mais à frente, o caminho desembocou na entrada de uma caverna muito escura. Não havia outro meio senão atravessá-la, mas, ao se

continuaram andando às apalpadelas.

Quando entraram em outro corredor... oh, alegria! Uma luz dourada apareceu ao longe. Sim, era o fim do túnel! Avançaram tão rápido quanto puderam e depararam-se com um imenso panorama. A trilha prosseguia! Estavam já muito perto do topo da montanha.

Antes de poder retomar o fôlego, uma flecha incendiada cravou-se ao lado deles: os inimigos acabavam de descobri-los! Nesse momento, mil pensamentos cruzaram a mente dos jovens. Estavam em desvantagem em número, posição e experiência. O que fazer? Como enfrentá-los? Não era melhor desistir e voltar pelo mesmo caminho?

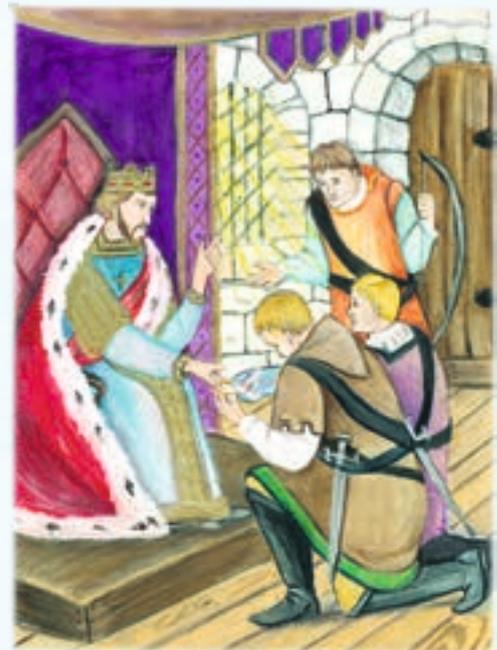
Fazendo um esforço supremo contra si mesmos, os jovens optaram por continuar, ainda que parecesse segura a derrota. E então surgiu no horizonte um reluzente exército de cavaleiros montados em brancos corcéis, com armaduras douradas. Tomados de espanto, os inimigos fugiram e um desses cavaleiros, que só podiam ser Anjos, desceu do cume da montanha, trazendo

em suas mãos a imagem da Santíssima Virgem!

Transbordantes de gratidão e alegria, os escudeiros voltaram ao castelo e, quando lá chegaram, ouviram o barulho de uma festa. O rei, completamente curado da lepra, os esperava no salão.

E a imagem? E o bálsamo? Não era ela que operaria o milagre? A arriscada expedição que fizeram tinha sido em vão? Ajoelhados diante de Sua Majestade, os jovens não compreendiam...

— Meus filhos, a vós toda a minha gratidão! Nossa Senhora desejava que sua imagem fosse recuperada, mas queria, sobretudo, que filhos seus abraçassem o caminho da luta, do sofrimento e da confiança! Foi vossa generosidade no serviço d’Ela que conquistou seu Coração e obteve o milagre, antes mesmo de que vós chegásseis. Pois aos olhos da nossa Soberana, a virtude é indizivelmente mais valiosa e poderosa do que todos os bálsamos da terra! ✧



Ilustrações: Elizabeth Bonyun

**“Nossa Senhora desejava que abraçassem o caminho da luta, do sofrimento e da confiança”**

# OS SANTOS DE CADA DIA

**1. Santa Teresinha do Menino Jesus**, virgem e Doutora da Igreja (†1897 Lisieux - França).

**Beato Luís Maria Monti**, religioso (†1900). Fundador da Congregação dos Filhos da Imaculada Conceição. Faleceu em Saronno, Itália.

**2. Santos Anjos da Guarda.**

**Beato António Chevrier**, presbítero (†1879). Sacerdote da Arquidiocese de Lyon, França, e fundador da Obra da Providência do Prado.

**3. Santos Veríssimo, Máxima e Júlia** (†c. 303 Lisboa). Mártires durante a perseguição de Diocleciano.

**São Maximiano de Bagai**, Bispo (†c. 410). Bispo de Bagai, na atual Argélia. Foi torturado por hereges, lançado do alto de uma torre e dado por morto. Mas recuperou-se e continuou lutando pela Fé.

**4. São Francisco de Assis**, religioso (†1226 Assis - Itália).

**São Petrônio de Bolonha**, Bispo (†c. 450). Renunciou ao cargo que exercia no Império Romano e se consagrou ao serviço da Igreja.

**5. Santa Flora**, virgem (†1347). Religiosa da Ordem de São João de Jerusalém. Dedicou-se à assistência aos enfermos pobres no Hospital de Beaulieu, França.

**6. XXVII Domingo do Tempo Comum.**

**São Bruno**, presbítero (†1101 Serra São Bruno - Itália).

**São Francisco Trãn Vãn Trung**, mártir (†1858). Soldado vietnamita decapitado em An-Hoa, por recusar-se a negar a Fé Católica.

**7. Nossa Senhora do Rosário.**

**Santa Justina**, virgem e mártir (†séc. III/IV). Executada em Pádua, Itália, durante a perseguição de Diocleciano.

**8. São Félix**, Bispo (†séc. IV). Ordenado por Santo Ambrósio de Milão, foi o primeiro a governar a Diocese de Como, Itália.

**9. São Dionísio**, Bispo, e **companheiros**, mártires (†séc. III Paris).

**São João Leonardi**, presbítero (†1609 Roma).

**Nossa Senhora do Monte**. Padroeira principal do Funchal, Diocese da Madeira.

**10. São Daniel Comboni**, Bispo (†1881). Filho de camponeses pobres, tornou-se o primeiro Bispo católico da África Central e um dos maiores missionários da História da Igreja. Fundou o Instituto dos Missionários Combonianos.

**11. Nossa Senhora de Vandoma**. Padroeira principal da cidade do Porto.

**Santa Maria Soledade Torres Acosta**, virgem (†1887). Desde sua juventude dedicou extraordinária atenção aos doentes e necessitados. Fundou para esse fim a Congregação das Servas de Maria Ministras dos Enfermos.

**12. Nossa Senhora da Conceição Aparecida**, Padroeira do Brasil.

**São Rotobaldo**, Bispo (†1254). Governou a Diocese de Pavia, Itália, dedicando-se especialmente ao culto divino e à procura de relíquias dos Santos.

**13. XXVIII Domingo do Tempo Comum.**

**Beata Alexandrina Maria da Costa**, leiga (†1955). Por defen-

der sua castidade, ficou paraplégica aos quatorze anos, em Balasar, Portugal. Viveu confinada no leito o resto da vida, oferecendo-se como vítima pela conversão dos pecadores.

**14. São Calisto I**, Papa e mártir (†c. 222 Roma).

**Beato Diogo Kagayama Haito**, mártir (†1619). Nobre samurai e governador da cidade. Morreu decapitado em Kokura, Japão, enquanto rezava com um crucifixo nas mãos.

**15. Santa Teresa de Jesus**, virgem e Doutora da Igreja (†1582 Alba de Tormes - Espanha).

**16. Santa Edwiges**, religiosa (†1243 Trebnitz - Polónia).

**Santa Margarida Maria Alacoque**, virgem (†1690 Paray-le-Monial - França).

**São Galo**, presbítero (†645). Educado por São Columbano no mosteiro de Bangor, Irlanda, propagou dedicadamente o Evangelho nessa região.

**17. Santo Inácio de Antioquia**, Bispo e mártir (†107 Roma).

**Santo Isidoro Gagelin**, presbítero e mártir (†1833). Sacerdote das Missões Estrangeiras, morto durante as perseguições no Vietnã.

**18. São Lucas**, Evangelista.

**São Pedro de Alcântara**, presbítero (†1562). Religioso franciscano que se destacou por sua vida de austera penitência. Foi conselheiro de Santa Teresa de Jesus na obra reformadora da Ordem Carmelita.

**19. Santos João de Brébeuf, Isaac Jogues**, presbíteros, e **companheiros**, mártires (†1642-1649 Ossernenon - Canadá).

**São Paulo da Cruz**, presbítero (†1775 Roma).

**São Frutuoso**, Bispo (†656 Braga).

**São Joel**, profeta. Anunciou o grande “Dia do Senhor” e o mistério da efusão do seu Espírito sobre os homens, que a majestade divina Se dignou realizar admiravelmente em Cristo, no dia de Pentecostes.

## 20. XXIX Domingo do Tempo Comum.

**Santa Adelina**, abadessa (†c. 1125). Primeira superiora do mosteiro de Mortain, França, que fundou com a ajuda de seu irmão São Vital.

**21. Santa Laura de Santa Catarina de Sena Montoya y Upegui**, virgem (†1949). Fundadora da Congregação das Irmãs Missionárias de Maria Imaculada e Santa Catarina de Sena, e primeira colombiana elevada à honra dos altares.

**22. São Martinho de Dume**, Bispo (†579). Padroeiro principal da Arquidiocese de Braga.

**São Marcos de Jerusalém**, Bispo (†séc. II). Primeiro Bispo de origem gentia a ocupar a Sé de Jerusalém.

**23. São João de Capistrano**, presbítero (†1456 Ilok - Croácia).

**São Teodoreto de Antioquia**, presbítero e mártir (†c. 362). Morto por ordem de Juliano, o Apóstata, por recusar-se a renegar a Fé.



**Santa Margarida Maria Alacoque - Paróquia de São Judoco, Landshut (Alemanha)**

**24. Santo António Maria Claret**, Bispo (†1870 Fontfroide - França).

**São Sisenando**, diácono e mártir (†851 Córdova). Padroeiro principal da cidade de Beja.

**25. Santo António de Sant’Ana Galvão**, presbítero (†1822 São Paulo).

**São Bernardo Calbó**, Bispo (†1243). Abade cisterciense do Mosteiro de Santes Creus, mais tarde eleito Bispo de Vic, Espanha.

**26. São Ceda**, Bispo (†664). Ordenado Bispo dos sa-xões orientais por São Finano, fundou várias igrejas e mosteiros, entre eles o de Lastingham, em Yorkshire, Inglaterra.

## 27. XXX Domingo do Tempo Comum.

**Santos Vicente, Sabina e Cristeta**, mártires (†303 Ávila). Padroeiros principais da cidade de Évora.

**Beato Gonçalo de Lagos**, presbítero (†1422). Sacerdote português da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Embora fosse grande teólogo, preferiu dedicar-se à instrução de crianças e pessoas com pouca cultura.

**28. São Simão e São Judas Tadeu**, Apóstolos.

**São Ferrúcio**, mártir (†c. 300). Abandonou a carreira militar para servir melhor e mais livremente a Cristo. Foi martirizado em Mogúncia, Alemanha.

**29. São Zenóbio**, presbítero e mártir (†séc. IV). Morto em Sidon, Líbano, quando exortava os outros cristãos a enfrentarem com ânimo os tormentos do martírio.

**30. Beato Terêncio Alberto O’Brien**, Bispo e mártir (†1651). Religioso dominicano eleito Bispo de Emly, na Irlanda. Foi conduzido ao patíbulo durante o governo de Oliver Cromwell.

**31. Beato Domingos Collins**, religioso e mártir (†1602). Irmão coadjutor jesuíta, preso, torturado e enforcado na Irlanda, por ter se recusado a renegar sua Fé.

# A dama e o unicórnio

Ao se desfazer daqueles adornos, a dama age com seriedade, serenidade e fortaleza. Não demonstra qualquer aflição nem a mais mínima necessidade de arrependimento. Dir-se-ia que jamais se deixou inebriar pela concupiscência.



Ir. Daiana Reis Lima, EP

Causa-nos admiração analisar as antigas obras de arte, sobretudo quando elaboradas com técnicas desconhecidas em nossos dias. Intrigam-nos mais ainda se elas apresentam figuras ou cenas misteriosas que nos convidam a contemplá-las com o coração, a fim de desvendarmos seu significado.

Nessa perspectiva, chama-nos especial atenção um conjunto de seis tapeçarias de fins do século XV intitulado *A dama e o unicórnio*. Tecidas com fios de lã e seda, de cores predominantemente azuis e vermelhas, nelas se reflete muito da inocência medieval e do senso do maravilhoso próprio àquela era histórica.

As cinco primeiras peças desse conjunto representam alegoricamente os sentidos corporais: audição, visão, tato, olfato e paladar. No centro da cena sempre aparece uma dama, ladeada por um leão e um unicórnio. Em uma delas, vemos-la interpretar ao órgão uma melodia; em outra, segurar um espelho no qual o mítico animal se contempla; nas restantes, pousar a mão sobre seu corno, sentir o aroma de flores oferecidas por uma criada, e se servir das iguarias que lhe são apresentadas numa taça.

Mais difícil de interpretar é a sexta dessas tapeçarias, na qual a dama deposita flores e joias num cofre portado por uma criada. Como desvendar o significado de tal gesto?

Entre as muitas explicações dadas ao longo dos tempos, uma especialmente nos agrada: a cena refletiria a atitude virtuosa da alma humana diante das solicitações desordenadas dos sentidos. E o lema que encima a tenda azul – *A mon seul désir*<sup>1</sup> – simbolizaria o anseio exclusivo por Deus, que leva a dama a renunciar a tudo aquilo que lhe possa turbar o espírito.

Ao se desfazer daqueles adornos, ela age com seriedade, serenidade e fortaleza. Não demonstra qualquer aflição nem a mínima necessidade de arrependimento. Dir-se-ia que jamais se deixou inebriar pela concupiscência. Evoca assim a Virgem Santíssima, modelo ilibado de pureza, cuja vontade nunca se governou pela sensibilidade, mas sempre pelos altíssimos desígnios do Criador.

À direita da dama vemos um leão, imagem do combate contra nossas paixões desordenadas e más tendências. À sua esquerda encontra-se o unicórnio, com o qual ela troca seu olhar.

Enriquecedor é analisar este lendário animal sob a perspectiva mística da Beata Ana Catarina Emmerick. Numa das suas revelações, ela o descreve como extraordinário e atraentíssimo, capaz de subir aos mais elevados montes. Afirma ser benévolo e pacífico, mas muito reservado e esquivo, bem como ter o dom de incutir respeito até nos animais brutos e peçonhentos, os quais lhe prestam reverência e ajudam a protegê-lo. “Nos locais onde ele pascalce ou bebe, todo elemento venenoso desaparece”<sup>2</sup>.

Segundo uma antiga lenda, este animal sublime e fugidio sente-se atraído apenas pelas mais puras virgens, em cujo regaço repousa confiante e comprazido. De acordo com a vidente de Münster, isso simboliza algo superior: “que a carne de Jesus saiu, pura e santa, somente do seio da Santíssima Virgem Maria. [...] N’Ela foi vencido o que era invencível; [...] n’Ela a humanidade rebelde foi derrotada e tornada pura. Em seu regaço se desvaneceu o veneno da terra”<sup>3</sup>.

Diante das realidades expressas neste belo simbolismo nada há que temer. Quem a Maria recorre jamais será confundido! Por meio d’Ela ob-



“A mon seul désir”



Olfato



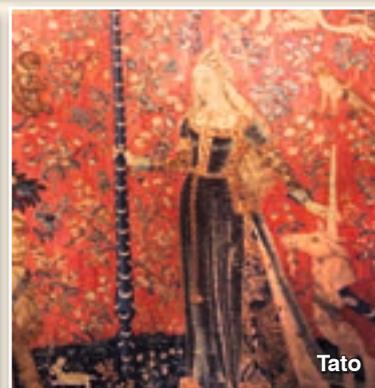
Visão



Audição



Paladar



Tato

Conjunto de tapeçarias “A dama e o unicórnio” - Museu de Cluny, Paris

teremos forças para submeter os nossos instintos desordenados. E, ainda que estejamos afastados de Nosso Senhor, n’Ela purificaremos

as nossas faltas e Lhe seremos agradáveis. ✧

<sup>1</sup> Do francês: “Ao meu único desejo”.

<sup>2</sup> BEATA ANA CATARINA EMMERICK. *Visões y revelaciones completas*. 2.ed. Buenos Aires: Guadalupe, 1953, t.I, p.603.

<sup>3</sup> Idem, ibidem.



Imagem de Nossa Senhora  
do Bom Sucesso pertencente  
aos Arautos do Evangelho

*S*e o mundo de hoje está submerso num oceano de males e exposto à perigos que o rondam de todos os lados, isto não se deve tão só às disputas econômicas e políticas, mas principalmente a uma grave crise moral e religiosa. É dela que surgem as angústias, as incertezas, a desorientação generalizada. Contudo, assim como nas situações críticas anteriores, a solução está ao alcance de nossas mãos... e de nossos corações: a devoção do Santo Rosário.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias